



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
II CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

JANNE EIRY DE ARAÚJO BENÍCIO

PORTUGUÊS PADRÃO E NÃO-PADRÃO:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

CAJAZEIRAS- PB

2012

JANNE EIRY DE ARAÚJO BENÍCIO

**PORTUGUÊS PADRÃO E NÃO-PADRÃO:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA**

Monografia apresentada ao II Curso de Especialização em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Maria Elias Ramos



CAJAZEIRAS- PB

2012



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

B467p Benício, Janne Eiry de Araújo
Português padrão de não-padrão: implicações no
ensino de língua materna./Janne Eiry de Araújo
Benício. Cajazeiras, 2013.
74f. : il.

Orientadora: Fátima Maria Elias Ramos.
Monografia (Especialização) – UFCEG/CFP

1. Língua Portuguesa – estudo e ensino. 2. Português
padrão e não-padrão. I. Ramos, Fátima Maria Elias.
II. Título.

UFCEG/CFP/BS

CDU- 811.134.3

JANNE EIRY DE ARAÚJO BENÍCIO

**PORTUGUÊS PADRÃO E NÃO-PADRÃO:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA**

Monografia apresentada ao II Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Aprovada em 12/12/2012

BANCA EXAMINADORA

Fátima Maria Elias Ramos

Prof. Dra. Fátima Maria Elias Ramos - Orientadora

José Wanderley Alves de Souza

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Souza - Examinador

Adriana Sidralle Rolim de Moura

Profa. Ms. Adriana Sidralle Rolim de Moura - Examinadora

Profa. Ms. Francisca Eduardo Pinheiro - Examinadora Suplente

Ora, “a língua” como uma “essência” não existe: o que existe são seres humanos que falam línguas, “os indivíduos que constituem o todo da população”. A língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante. Se tivermos isso sempre em mente, poderemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato – “a língua” – para um plano concreto – os falantes da língua. (BAGNO, 2002, p. 23).

Aos meus queridos pais, Raimundo Carneiro Benício e Maria Zulene de Araújo Benício, que abriram as portas para o meu futuro por meio de seus esforços e abdicção de suas necessidades em favor das minhas, acreditando em minha formação.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me fortalece e inspira ao longo de toda a formação do meu ser.

Aos meus pais, Raimundo Carneiro Benício e Maria Zulene de Araújo Benício, como também toda a família por acreditarem em minha capacidade.

À minha orientadora, professora Fátima Maria Elias Ramos, pelo empenho e dedicação no decorrer do desenvolvimento deste trabalho e em sua concretização.

Aos meus amigos, amigos-colegas e aos demais professores pela ajuda e incentivo ao longo desta etapa de formação.

RESUMO

O presente trabalho insere-se no campo de estudo das Variações Linguísticas, observando, de forma mais precisa, como o entendimento acerca do Português Padrão e Não-Padrão vem sendo construído em sala de aula, em três turmas do primeiro ano do Ensino Médio, de duas Escolas da Rede Pública Estadual de Ensino e uma Escola de Ensino Profissionalizante - CEFET, na cidade de Aurora-Ce. A investigação da problemática em questão se deu a partir da análise da visão de três docentes, observando se houve a preocupação destes em apresentar a seus alunos as variadas possibilidades de uso da língua, que tipo de abordagem foi dado ao ensino Padrão, bem como observar de que maneira tem sido trabalhada ou não a Variedade Não-Padrão. Para tanto, foi realizada uma entrevista com essas docentes, composta por oito itens, e suas respostas foram registradas de forma escrita. Além disso, fez-se uma apreciação do material didático e de outros recursos utilizados pelas professoras. Por meio dos dados obtidos verificou-se que as docentes mostram um posicionamento que deixa transparecer um conhecimento dotado por algumas lacunas, que atribuímos, provavelmente, em virtude de algum déficit na própria formação dessas profissionais, que apesar de reconhecerem a importância de um ensino plural, por vezes, não compreendem claramente a distinção entre as Variedades Linguísticas. As profissionais mostram-se ainda bastante contidas ao discorrerem sobre o seu agir em sala de aula e este agir mostra-se apoiado apenas no reconhecimento das diferentes formas de manifestação linguística, em vez do uso efetivo. Através da realização deste trabalho destacamos também contribuições relevantes para o aprimoramento das atividades docentes a partir das leituras realizadas que nos permitiram uma reflexão embasada da temática em estudo, além das experiências das professoras entrevistadas que nos possibilitaram diagnosticar os aspectos positivos e os déficits encontrados nesse processo visando à superação destes.

PALAVRAS-CHAVE: Português Padrão. Português Não-Padrão. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This present work is part of the study of Linguistic Variations, watching, more accurately, as the understanding of the Portuguese Standard and Non-Standard has been constructed in the classroom, into three classes the first year of high school, two Schools of the State Public Education Network and a School of Vocational Education - CEFET Aurora-Ce city. The investigation of the issue in question was based on the analysis of the vision of three teachers, noting whether there is a concern of his students to present the various possibilities of language use, what kind of approach was gave to the teaching pattern, and observe how has been worked or not non-Standard Variety. For this, an interview was conducted with these teachers, consisting of eight items and their responses were recorded in written form. In addition, did an assessment of the teaching materials and other resources used by teachers. Through the data obtained it was found that the teachers show a position that betrays a knowledge endowed by some of the gaps, a fact we attribute probably due to some deficit in the very formation of these professionals while recognizing the importance of teaching a plural, sometimes not clearly understand the distinction between Linguistic Varieties. The professional show is still quite contained the discorrerem about your act in the classroom and this act, it is shown supported only in the recognition of different forms of linguistic expressions rather than actual use. Through this work also highlight outstanding contributions to the improvement of teaching activities from the readings made that allowed us to reflect the theme grounded in the study, and the experiences of the teachers interviewed that allowed us to diagnose the strengths and deficits found in this process aimed at overcoming these.

KEYWORDS: Standard Portuguese, Non-Standard Portuguese, Teaching Portuguese Language.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1.INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 13 |
| 3.METODOLOGIA..... | 19 |
| 3.1 Análise e Discussão dos Dados..... | 20 |
| 3.1.2 Apreciação do Material Didático..... | 20 |
| 3.1.3 Análise do Olhar Docente aos Questionamentos..... | 25 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 34 |
| REFERÊNCIAS..... | 37 |
| APÊNDICE..... | 39 |
| ANEXOS..... | 48 |

1 INTRODUÇÃO

A língua não é estática, imune às transformações e interferências sociais, históricas e culturais, mas dinâmica, dada às necessidades de seus falantes. Não se pode conceber a língua como algo isolado das variedades, uma vez que esta constitui em si o próprio conjunto de variedades. Nas palavras de Castilho:

É sabido que as línguas variam em razão de condicionamentos situacionais que afetam os falantes, tais como o momento histórico em que se acham, o espaço geográfico, social e temático em que se movem. O conjunto dessas circunstâncias interage sobre os fatores da comunicação e daqui fluem as variantes linguísticas [...]. (CASTILHO, 2004, p.27).

Desse modo, podemos depreender múltiplas formas de propagação da língua e, em consequência, diversos comportamentos linguísticos. É associada à instituição escolar, por sua vez, a tarefa de possibilitar o acesso ao nível formal, padrão da língua, visto que ao chegar à escola, os estudantes já apresentam internalizado um conhecimento informal, construído socialmente. Contudo, o acesso a esse novo e importante nível de conhecimento linguístico propiciado pela escola não deve excluir ou deixar à margem outros níveis de comunicação linguística que também são eficientes.

Nesse sentido, ao longo deste trabalho, buscamos esclarecer alguns conceitos referentes ao Português Padrão e Não-Padrão, destacando a importância deste conhecimento no desenvolvimento de usuários da língua conscientes da pluralidade de manifestações linguísticas possíveis, e, tendo em vista, as implicações que a compreensão do tema em estudo resulta na formação dos educandos nas mais diversas esferas sociais contribuindo, dessa maneira, para a redução do preconceito linguístico e disseminação de uma compreensão errônea de que uma variedade seja superior as demais. Almejamos ainda contribuir, por meio das reflexões obtidas, na melhoria do trabalho docente com a Língua Materna.

A investigação da temática já mencionada foi realizada mediante a análise da forma como vem sendo construído os conhecimentos acerca do Português Padrão e Não-Padrão em sala de aula, mais precisamente, em três turmas do primeiro ano do Ensino Médio.

A escolha da referida série está ancorada no fato de que ao se averiguar a referida temática, em turmas do primeiro ano do Ensino Médio, pode-se observar como o professor desenvolve o seu trabalho levando em consideração a visão que os seus alunos demonstram

possuir da Língua Portuguesa ao adentrar no nível médio de educação, com base na formação construída por esse alunado, ao longo do Ensino Fundamental.

Tendo em vista a importância do esclarecimento de conhecimentos referentes à temática em estudo o professor poderá deixar claro aspectos como a concepção de que a língua não é imutável e, portanto, não podemos considerar apenas uma forma de manifestação linguística, nem prender-nos apenas ao estudo de uma variedade considerando-a como única forma adequada ou superior às demais. Esses conhecimentos, muitas vezes, não são esclarecidos aos discentes em séries iniciais, ou ainda, em situações mais extremas, por não terem a devida compreensão das diversas formas de uso da língua os mesmos consideram-na muito difícil, distante da sua realidade, chegando até afirmar não compreender sua língua materna.

Verificamos que é nessa etapa de ensino que as Variedades Padrão e Não-Padrão são abordadas nos livros didáticos, que constituirão um dos *corpus* de análise deste estudo, por isso, foi imprescindível analisar como estes materiais, que dão suporte ao trabalho docente, abordam os referidos conceitos.

Dessa forma, compreendendo a dinamicidade da língua e embasados numa perspectiva pautada na concepção da pluralidade de manifestações linguísticas, decidimos investigar a abordagem docente diante da multiplicidade de formas de uso da língua. Objetivamos, nesse sentido, analisar a visão do professor sobre o Ensino Padrão e Não-Padrão da Língua Portuguesa e suas implicações na formação dos educandos. Buscamos, de forma mais específica, observar se há preocupação do professor em apresentar diferentes possibilidades de uso da língua, diagnosticar qual a abordagem dada ao Ensino Padrão, bem como verificar de que forma vem sendo trabalhada ou não, a Variedade Não-Padrão.

Abordados esses questionamentos e tendo refletido sobre o olhar docente, nos propusemos a elucidar a validade do referido trabalho como uma forma de beneficiar a prática docente e a formação dos educandos, do já mencionado nível escolar, a fim de ampliar a visão de língua que estes possuem, tendo em vista que o professor é o responsável direto pelo esclarecimento de conceitos acerca das questões linguísticas e pela desmistificação de muitos mitos em torno da língua ou mesmo da perpetuação de conhecimentos simplistas, como bem nos esclarece Antunes: “[...] existe a idéia simplista e ingênua de que apenas a norma culta segue uma gramática. As outras normas funcionam sem gramática. Movem-se a

deriva. Ora, toda língua – em qualquer condição de uso – é regulada por uma gramática.”
(ANTUNES, 2007, p.27).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Sociolinguística, uma das grandes áreas da Linguística, estuda as relações entre língua e sociedade. Esta surgiu em um Congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLF), em que participaram vários estudiosos sob a organização de William Bright, que posteriormente com a publicação dos trabalhos no referido congresso, no ano de 1966, definiu a área de estudo da Sociolinguística, propondo relacionar as Variações Linguísticas de uma determinada comunidade com as distinções presentes na estrutura social da mesma sociedade. Nessa perspectiva, a partir da Sociolinguística, passou-se a considerar a diversidade linguística pautada no contexto das relações sociais.

Sabemos que língua e sociedade são fenômenos indissociáveis, portanto, seria inviável um estudo da língua de forma isolada, sem levarmos em consideração a comunidade linguística a que pertencemos e dentro dessa mesma comunidade, observarmos as Variantes que a compõem:

Ao estudar qualquer comunidade lingüística, a constatação mais imediata é a existência de diversidades ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolingüística reserva o nome de variedades lingüísticas. (ALKMIM, 2007, p.32).

Faz-se necessário, diante da constatação da Variação como um aspecto inerente à comunidade linguística, esclarecermos as noções de Variante, Variação e Variedade. Segundo Castilho:

[...] um conjunto de variantes, ou seja, um conjunto de usos linguísticos considerados relevantes para a caracterização de uma variedade. Com isso, entende-se por variação a manifestação concreta da língua, e por variedade a soma idealizada das variações. Se fôssemos dispor esses conceitos numa hierarquia, teríamos
variante < variação < variedade (CASTILHO, 2010, p.197).

Essas Variedades Linguísticas se dão no contexto das relações sociais de acordo com a cultura de cada comunidade, assim, nenhuma Variedade configura-se como melhor ou pior do que outra, entretanto, como evidencia ALKMIM:

Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades lingüísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é, em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores (ALKMIM, 2007, p. 39).

Nesse caso, verifica-se que a apreciação valorativa dada às Variedades as coloca em pólos distintos e podemos destacar a existência de Variedades consideradas de prestígio e Variedades não prestigiadas pelas sociedades. Faz-se necessário, nesse sentido, uma discussão a respeito dos valores sociais que são conferidos as Variedades Linguísticas em estudo: Padrão e Não-Padrão.

É associado à Variedade Padrão certo status diante da sociedade correspondendo ao modo correto de uso da língua e utilizado mais frequentemente pela classe social economicamente mais desenvolvida e por pessoas com um nível maior de escolaridade. Por outro lado, a Variedade Não-Padrão nem sempre é vista com tão bons olhos pela sociedade, uma vez que há um julgamento de valor implicado nessa apreciação, tendo em vista que os seus usuários pertencem, na maioria das vezes, há uma classe economicamente desfavorável e nesse caso a referida variedade é considerada menor. De acordo com Alkmim:

A avaliação social das variedades lingüísticas é um fato observável em qualquer comunidade de fala. Frequentemente, ouvimos falar em línguas “simples”, inferiores”, “primitivas”. Para a Lingüística, esse tipo de afirmação carece de qualquer fundamento científico. Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive. É absolutamente impróprio dizer que há línguas pobres em vocabulário. Não existem também sistemas gramaticais imperfeitos. (ALKMIM, 2007, p.41).

Devemos considerar ainda que os valores conferidos às Variedades Padrão e Não-Padrão não são tão rígidos e podem alterar-se com o passar do tempo, assim sendo, determinadas formas que atualmente são consideradas como padrão, posteriormente podem pertencer à Variedade Não-Padrão e vice-versa.

A análise empreendida acerca das Variedades Linguísticas Padrão e Não-Padrão, em investigação neste estudo, envolve também o esclarecimento do que se entende por norma, o que por sua vez, constitui uma discussão bastante ampla, tendo em vista a multiplicidade de perspectivas que giram em torno do esclarecimento do referido termo. Contudo, o que se configura como mais relevante neste caso, reporta-se a compreensão da desmistificação da existência de apenas uma norma válida para a comunicação linguística. Segundo Faraco: “Numa síntese, podemos dizer que norma é o termo que usamos, nos estudos lingüísticos,

para designar os fatores de língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala” (FARACO, 2009, p.40).

Entendendo a norma, como um fator responsável pela identificação de um determinado grupo de falantes, podemos depreender não apenas uma, mas variadas normas, todas dotadas de uma organização estrutural prestando-se a necessidade comunicativa, e estas, por sua vez, se interrelacionam absorvendo características umas das outras.

Nesse sentido, uma norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas lingüísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas. (FARACO, 2009, p.41).

Dessa forma, compreendendo a dinâmica estabelecida entre as variadas normas lingüísticas em função da cultura de uma dada comunidade que a utiliza, podemos ir ainda mais longe, observando as possibilidades de variação mesmo dentro de uma dada comunidade, em que um falante domina mais de uma norma e poderá alterá-la adequando-a com base na situação de comunicação lingüística em que se encontra.

Faz-se necessário apontarmos ainda dentre os variados tipos de normas a distinção entre norma culta, norma padrão e não-padrão. A norma culta (o termo *culta* é empregado referindo-se a um determinado tipo de cultura, e não sobrepondo-se as demais normas como se estas fossem *incultas*) designa um uso correspondente a situações que exigem um determinado grau de formalidade, especialmente pertinente a cultura escrita, que historicamente esteve sempre associada ao poder social e que muitas vezes, equivocadamente, suscita um ideal de superioridade entre as demais normas lingüísticas. No dizer de FARACO:

A norma dita culta é apenas uma dessas variedades, com funções socioculturais bem específicas. Seu prestígio não decorre de suas propriedades gramaticais, mas de processos sócio-históricos que agregam valores a ela. Em outras palavras, seu prestígio não decorre de propriedades intrínsecas (lingüísticas propriamente ditas), mas de propriedades extrínsecas (sócio-históricas). (FARACO, 2009, p.72).

A norma padrão está atrelada a ideia de preservação da língua, buscando certa uniformização no uso desta tendendo, neste caso, a reduzir a diversidade lingüística de determinados grupos sociais. Como evidencia Antunes:

Em princípio, como é possível observar, essa visão de norma-padrão tem subjacente um aspecto interessante quando pretende possibilitar uma linguagem, digamos, igual para todas as comunidades, afastando a possibilidade de que algo dificulte ou impeça algum setor de ter acesso às informações gerais veiculadas. [...] Na prática, no entanto, traz as irremediáveis conseqüências de implicar elementos da vida socioeconômica e política dos grupos. (ANTUNES, 2008, p.94).

Embasados nessa concepção, evidenciamos que a norma padrão da língua é relevante e revela-se útil para as línguas minimizando sua dialetação, o que se deve evitar, contudo, é uma visão reducionista de homogeneização.

A norma não-padrão, por sua vez, é estigmatizada pela maior parte da sociedade e considerada inferior em relação aos outros tipos de normas linguísticas, o que é um equívoco, pois na realidade apenas configura um modo de falar diferente da Variedade ensinada na escola e exigida em contextos formais de comunicação, de acordo com Bagno:

[...] se pudéssemos conhecer melhor o português não-padrão, talvez conseguíssemos identificar as diferenças que o distinguem do português-padrão. (...) Se todos compreendéssemos que o PNP é uma língua como qualquer outra, com regras coerentes, com uma lógica lingüística perfeitamente demonstrável, talvez fosse possível abandonar os preconceitos que vigoram hoje em dia no nosso ensino de língua. (BAGNO, 2000, p.31).

Em meio às diferenças em que se encontram os falantes diante do domínio das variadas normas linguísticas, não existem, entretanto, aqueles que façam uso da língua sem o domínio de determinada norma e toda norma é dotada de uma organização estrutural coerente. Desse modo, faz-se necessário que se reveja a postura de um ensino tradicional que admite como erro qualquer forma de linguagem que não se enquadre dentro dos padrões de uma norma considerada de prestígio pela maior parte da sociedade, ou dela se distancie. Nas palavras de Faraco: “Se um enunciado é previsto por uma norma, não se pode condená-lo como erro com base na organização estrutural de uma outra norma.” (FARACO, 2009, p.36).

Por conseguinte, cada norma linguística tem sua validade. Quando ingressamos na escola trazemos internalizadas nossas experiências linguísticas que não podem ser ignoradas, uma vez que são formas compartilhadas por uma comunidade linguística e se prestam perfeitamente a necessidade comunicativa, já que os seus usuários se fazem entender. O trabalho do professor de língua materna deve está apoiado em uma concepção de língua mais

ampla que transcenda a uma disciplina escolar, fechada em uma única visão, como reflete Silva:

Se a escola é um instrumento para a socialização do indivíduo e a escrita e a leitura são fundamentais no desenvolvimento das formas de comunicação nesse processo de socialização, no que concerne ao enriquecimento do conhecimento que se pode chamar de natural da língua materna, alguma gramática deverá ser ensinada, a partir do momento em que se considerar necessário regular a fala e a escrita do aluno aos padrões de uso que a instituição-escola define como ideal para aqueles que a elas estão submetidos. (SILVA, 2006, p.81).

Deve-se propiciar, nesse sentido, a compreensão da validade de cada modalidade linguística, já que a linguagem é um processo que não se dá de forma isolada, mas na interação entre os usuários da língua nas mais diversificadas situações comunicativas. Segundo Louzada:

O trabalho do professor de língua portuguesa constitui-se em multiplicar, aumentar e acrescentar os recursos expressivos de que a criança não dispunha. O aluno deve, a longo prazo, estar em contato com as formas que coloquialmente não usa, e saber usá-las em situações formais. (LOUZADA, 1992, p.20).

Nesse sentido, o que se pretende não é abolir o ensino de gramática normativa das nossas escolas, como ressalta Bortoni-Ricardo:

À medida que os indivíduos vão desempenhando ações sociais mais diversificadas e complexas, para além do domínio da família e da vizinhança mais próxima, eles têm de atender a normas vigentes nos novos domínios de interação social que passam a frequentar. (...) As chamadas normas de correção gramatical nada mais são que normas convencionais que presidem a certos tipos de interação por meio da língua escrita ou da língua oral monitorada. (BORTONI-RICARDO, 2006, p.75).

Desse modo, reconhecendo a importância e o espaço que deve ser dado ao ensino padrão da língua, que tipo de abordagem configurará um ensino mais produtivo da Língua Portuguesa? Como alcançar o equilíbrio entre as diversas variantes da língua para não cometer o equívoco de abolir o ensino de gramática acreditando que, ser capaz de produzir enunciados e nos comunicar são suficientes, ou em outro extremo, o ideal de que

compreender as regras gramaticais bastaria para dominarmos a língua tornando-nos bons leitores e escritores?

Diante destes questionamentos, podemos tomar como norte as considerações de Bechara:

No fundo, a grande missão do professor de língua materna [...] é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação e até, no texto em que isso se exigir ou for possível, entremear várias línguas funcionais [...] (BECHARA, 1985, p.14).

A partir desse aporte teórico, entendemos que o trabalho docente deve estar apoiado nos manuais normativos, bem como nas orientações da Sociolinguística, para que não se amplie no espaço na sala de aula o preconceito linguístico e seja possibilitado aos discentes, em toda a sua formação, o (re) conhecimento da pluralidade dos fenômenos e manifestações linguísticas. Nas palavras de Almeida e Zavam: “Uma base sociolinguística passou a ser requisito fundamental para qualquer professor de língua. Conhecer o fenômeno da variação e considerá-lo em sala de aula é essencial para um ensino de língua eficiente e não discriminatório.” (ALMEIDA; ZAVAM, 2004, p.242-243).

Assim, devemos desmistificar a ideia de uma língua uniforme e não apenas apresentar as Variedades Linguísticas que a compõem para simples conceituação e caracterização, mas ressaltar a importância de cada uma delas em diversificadas situações de uso, considerando aspectos como adequação e inadequação linguística, ao invés das noções de certo e errado, tantas vezes empregadas e disseminadas equivocadamente pela escola e por diversos grupos sociais.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos adotados para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa partiram do levantamento de informações relevantes para a temática em estudo através do aporte teórico utilizado, bem como mediante a observação dos recursos teórico-metodológicos ou outros recursos utilizados por três professoras de Língua Portuguesa, em três turmas do primeiro ano do Ensino Médio, de duas Escolas da Rede de Ensino Público Estadual e de uma Escola de Ensino Profissionalizante - CEFET, no município de Aurora-Ce. Analisamos a visão dessas docentes por meio de uma entrevista fechada, composta por oito itens, a partir de seus posicionamentos frente à temática em estudo.

A referida entrevista foi registrada de forma escrita e realizada com o devido consentimento por parte das docentes, que tiveram suas identidades devidamente preservadas.*

Adotamos como *corpus* deste estudo a análise do material didático utilizado pelas três professoras de Língua Portuguesa e suas respostas aos oito itens presentes na entrevista, devidamente autorizadas pelas docentes, bem como pela instituição escolar, tendo em vista que ambos têm pleno conhecimento da temática de investigação em estudo, neste trabalho.

A escolha aos referidos meios se justifica pelo fato destes demonstrarem uma maior adequação para a obtenção de respostas às inquietações feitas ao longo deste estudo, uma vez que partimos da análise dos recursos teórico-metodológicos utilizados pelas docentes para orientar o seu trabalho e estamos diante dos seus próprios pontos de vista, por meio da entrevista, em relação à problemática investigada.

*Em atitude ética não identificamos as professoras entrevistadas por seus nomes, porém suprimo-los pelas letras – A, B e C.

3.1 Análise e Discussão dos Dados

3.1.2 Apreciação do Material Didático

Neste tópico do trabalho, iniciamos apresentando os dados coletados através dos materiais didáticos utilizados nas duas Escolas da Rede Pública Estadual e da Escola de Ensino Profissionalizante – CEFET.

O primeiro material didático em análise é o livro, *Novas Palavras*, dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio (2010). A referida obra organiza-se em três seções, sendo estas: Literatura, Gramática e Redação.

Os capítulos referentes à temática em estudo encontram-se na parte de Gramática. O primeiro capítulo intitulado, *Gramática... gramáticas*, inicia-se com a leitura introdutória do texto, *Santos nomes em vãos* e se propõe a refletir sobre os usos da Língua Portuguesa por meio das diferentes construções que os personagens do texto fazem. Os alunos, neste capítulo, são impulsionados a identificar diferentes manifestações da linguagem e, por conseguinte, o esclarecimento da existência de mais de uma gramática que rege estas manifestações, para tanto é proposto à distinção entre língua, gramática e gramática normativa. No boxe, *Linguagem, língua e fala*, há ainda a diferenciação desses fenômenos e das manifestações da linguagem verbal e não verbal.

Por meio dessas constatações, observamos que os autores conduzem as suas discussões para o esclarecimento de noções do que convencionalmente se estabelece por certo e errado que dependerá de que tipo de gramática estamos considerando:

Assim, frases como “*Pra mim, esses caras não é bom da bola*” e “*Os dois rolo no chão*”, por não se enquadrarem no padrão de uso tradicional, “exemplar” do idioma, são consideradas incorretas pela gramática normativa. Essas duas frases, por outro lado, são consideradas corretas do ponto de vista linguístico, já que obedecem às regras de funcionamento do idioma e todos compreendem as ideias que elas expressam. (AMARAL, et al. 2010, p. 210).

Com base nesse esclarecimento é feita a desmistificação de que existe apenas uma gramática e que qualquer uso da língua que não se enquadre às suas regras de funcionamento constitui-se como erro. Vale destacar ainda o boxe, *O que dizem os lingüistas*, que traz considerações pertinentes do linguista, Marcos Bagno, acerca da relação entre língua e gramática normativa:

Uma receita de bolo não é um bolo [...]. Também a gramática não é a língua.

A língua é um enorme iceberg flutuante no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. (BAGNO apud AMARAL, 2010, p.211).

Entretanto, são apresentados apenas dois tipos de gramáticas para a realidade linguística, quando sabemos que o fenômeno linguístico proporciona uma diversidade bem mais ampla: “As reflexões anteriores permitem concluir, então, que existem duas gramáticas: a gramática internalizada e a gramática normativa” (AMARAL, et al, 2010, p. 210).

No que se refere às variedades linguísticas Padrão e Não - Padrão, antes que seja apresentada uma definição dessas variedades, há uma discussão pautada no valor social que lhes são atribuídas, por quais critérios se podem classificar os conceitos de certo e errado que estão relacionados a fatores socioculturais, e não linguísticos. É feito um destaque aos fatores de adequação e inadequação da linguagem, bem como aos fatores que os influenciam a partir dos usos da variedade padrão e não padrão em contextos específicos.

O segundo capítulo aborda as *Noções de Variação Linguística*, e como forma de introduzir o estudo destas apresenta alguns trechos contendo situações de comunicação, para que a partir da linguagem empregada em situações distintas, os discentes possam identificar a comunidade de falantes que possam vir a fazer uso dessa forma de comunicação. É bastante significativa a reflexão suscitada no boxe. *Para que saber?* que impulsiona os alunos a pensarem no porque do estudo das variações linguísticas:

Ter consciência de que a língua apresenta variações ajuda você a se comunicar de maneira adequada e eficiente nas diferentes situações de interlocução orais ou escritas; ajuda-o também a deixar de lado possíveis preconceitos lingüísticos e, assim, respeitar “maneiras de falar” diferentes da sua. (AMARAL, et al.2010, p.223).

São apresentados ainda quatro tipos gerais de variação sendo estas sociocultural, histórica, geográfica e situacional, além disso, é destacada a caracterização de cada uma destas variantes.

Ao final do capítulo é proporcionado um conhecimento a respeito da origem da Língua Portuguesa, o reconhecimento das nações que fazem uso desta destacando-se a relação entre o português do Brasil e o português de Portugal e evidenciando as diferenças

encontradas no uso dela no tocante a pronúncia, ao vocabulário, ao significado e a estrutura sintática das frases.

No que diz respeito aos exercícios, diagnosticamos questões chamadas de releitura em que é solicitado aos estudantes uma reflexão do uso da língua de forma contextualizada, para posteriormente serem apresentadas as atividades propriamente ditas. Estas atividades vão além da pura e simples identificação de variedades e a partir de situações comunicativas levam os discentes a perceberem os usos que se pode fazer da língua em distintas situações de comunicação.

O segundo material didático em apreciação é o livro, *Português Linguagens* que contempla igualmente conteúdos referentes à área da literatura, produção textual e gramática, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2005).

No primeiro capítulo do livro relativo à parte de gramática intitulado: *Linguagem, comunicação e interação*, encontramos a explanação do conteúdo em investigação neste estudo. A partir da observação do próprio título do capítulo, podemos deduzir inicialmente que o conceito de linguagem deverá pautar-se nas relações de comunicação social considerando o contexto discursivo de interação dos falantes.

O ponto de partida do capítulo estimula os alunos a construírem o conceito de comunicação a partir de uma tira humorística do autor, Luís Fernando Veríssimo, e de três questões subsequentes ao texto. O que percebemos com base nestes aparatos é uma ideia de comunicação baseada nas relações semânticas que envolvem os personagens da tira, desse modo, para que exista comunicação é necessário que os falantes sejam capazes de compreenderem-se enfocando ainda os estímulos de ação/reação nos comportamentos destes: “Entre a filha e o pai, ou entre o sogro e o genro houve comunicação, pois, além de as pessoas se compreenderem, elas também *interagem*, ou seja, o que uma diz interfere no comportamento da outra.” (CEREJA, et al. 2005, p. 12).

Posteriormente, encontramos uma definição dada pelos autores que não fazem referência a compreensão necessária por parte dos falantes, para que ocorra a comunicação, considerando apenas a interação estabelecida pelos falantes por meio da linguagem: “A comunicação ocorre quando interagimos com outras pessoas utilizando linguagem”. (CEREJA, et al.2005, p. 13). Mais adiante os autores definem a linguagem de forma bastante simplificada destacando suas possibilidades de manifestação verbal, não-verbal e mista.

No tocante ao domínio da língua, por meio da análise da obra, fica claro que esta o restringe a apreensão do seu vocabulário e o conhecimento das regras gramaticais que organiza as palavras ao longo de frases, orações ou textos, já não se faz nesse sentido referência ao uso e a interação evidenciados anteriormente.

Faz-se necessário ressaltar também o boxe, O que é signo linguístico?, que aparece paralelo ao texto, tendo em vista que o mesmo traz a definição para signo do linguista, Ferdinand Saussure, que é bastante pertinente, contudo, o comentário que se segue mostra-se incoerente, já que o restringe a ideia de palavra, e em seguida, apresentando um exemplo que não se adéqua as considerações dadas: “Assim, o signo linguístico nada mais é do que a palavra, unidade básica da linguagem verbal. No código de trânsito, o sinal vermelho é um signo”. (CEREJA, et al.2005, p. 15).

Vale ressaltar que são feitas algumas considerações relevantes a situação de comunicação e os interlocutores envolvidos nesta, além da referência a mutabilidade da língua e da fala.

No que se refere ao tópico das variedades linguísticas há um destaque ao valor social atribuído as Variedades Padrão e Não-padrão, sendo a primeira dotada de maior prestígio social, enquanto a segunda é compreendida como uma variedade diferente e tão válida quanto à Variedade Padrão, embora a Variedade Não-Padrão confunda-se com os sujeitos o que implicitamente sugere que determinado grupo de falantes só são capazes de comunicar-se sempre de um único modo: “As demais variedades linguísticas – como a regional, a gíria, o jargão de grupos ou profissões (a linguagem dos policiais, dos jogadores de futebol, dos metalheiros, dos surfistas, etc.) – são chamadas genericamente de **variedades não padrão**”. (CEREJA, et al.2005, p.16). Não é feita ainda uma distinção entre norma culta e norma padrão definidas indissociavelmente. No que concerne a discussão acerca dos tipos de variedades, esta gira em torno da variação de registro e dialeto.

A respeito dos exercícios propostos, em sua maioria, referem-se à identificação e caracterização dos tipos de linguagem e variedades linguísticas. Observamos que há apenas duas questões mais abrangentes que indagam a importância do uso de determinada variedade linguística e solicita a reescrita do texto considerando outros interlocutores.

O último material didático analisado é o livro, *Português: Contexto, Interlocução e Sentido* das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara

(2008). Assim como as demais obras analisadas, o referido material contempla conteúdos organizados nas seções de Gramática, Literatura e Redação.

O capítulo alusivo ao tema em estudo intitula-se, *Linguagem e variação linguística*, tendo início com o esclarecimento dos conceitos de linguagem e língua por meio de uma propaganda publicitária que apresenta diferentes exemplos de linguagens que podem ser utilizadas pelos seres humanos para depois apontar as definições de linguagem e língua que são seguidas da explanação acerca do signo linguístico.

Posteriormente são elucidadas considerações acerca da Variação e Norma Linguísticas por meio de uma tira humorística que impulsiona os discentes a refletir sobre as noções de “certo” e “errado”, em Língua Portuguesa, que muitas vezes acaba abrindo espaço para o preconceito linguístico:

[...] os falantes de uma comunidade linguística têm, em geral, a expectativa de que todas as pessoas falem de uma mesma maneira. Essa expectativa, socialmente definida e difundida, pressupõe uma forma “correta” de uso da língua, o que implica a existência de formas “erradas”. Esta é a base do preconceito linguístico. (ABAURRE, et al. 2008, p.211)

São apresentados ainda os conceitos de Variação Linguística e Norma Culta ou Padrão seguida de uma reflexão que ressalta a validade de toda variedade linguística para a comunicação dos falantes, contudo, só é apresentada a definição de Norma Padrão não havendo uma referência direta a Variedade Não-Padrão.

No que se refere aos tipos de Variedades são apresentados apenas as variedades regionais e sociais, e variedades estilísticas, de maneira bastante concisa. Na sequência é feito um destaque a gíria como um tipo de comunicação específica de determinados grupos sociais.

No último tópico, *Mudança linguística*, as variações da língua são evidenciadas como decorrentes do fator diacrônico e do ponto de vista da própria organização do texto, considerando o gênero discursivo ao qual este é vinculado, no entanto, apenas esses dois aspectos não justificam a ocorrência da variação linguística, uma vez que entre os fatores que mais contribuem para a ocorrência da variação, como o nível sócio-cultural da comunidade linguística, não é mencionado

A respeito das atividades propostas, a primeira delas concentra-se na linguagem verbal e não-verbal, além do uso que se pode fazer da linguagem, tendo em vista os interlocutores

envolvidos no processo de comunicação. A segunda explora, por sua vez, sete das oito questões propostas unicamente à vertente regionalista e, apenas no último item, aborda a relação de adequação/inadequação linguística a partir da situação comunicativa e os falantes envolvidos.

Diante da breve análise dos referidos materiais didáticos que apóiam o trabalho docente, nas duas Escolas Públicas Estaduais e da Escola de Ensino Profissionalizante CEFET, verificamos que se faz necessário, enquanto profissionais da língua, dedicarmos uma atenção especial a forma como os conteúdos são apresentados e discutidos no livro didático, para não correremos o risco de disseminarmos conhecimentos de maneira generalizada, simplista, ou mesmo, equivocada. Fazer uma análise cuidadosa dos recursos que norteiam a sua prática docente, bem como constantemente buscar outras fontes que auxiliem esta prática, ou ainda, que apresentem de modo diferente os conteúdos estudados para provocar a reflexão e o debate, no caso das obras não harmonizarem-se, constitui uma boa forma de enriquecimento tanto para os alunos quanto para o professor.

3.1.3 Análise do Olhar Docente aos Questionamentos

Queremos ressaltar, mais uma vez, que na análise das respostas das três docentes aos questionamentos da entrevista realizada acerca da temática abordada neste trabalho, identificamos essas profissionais pelas letras A, B e C, em respeito às suas identidades.

Desse modo, analisando o ponto de vista da professora A a respeito do primeiro questionamento (em apêndice), que constitui um dos objetivos deste trabalho, esta rememora a compreensão inicial que tinha das variedades linguísticas Padrão e Não-Padrão como um conhecimento baseado exclusivamente no Ensino Padrão e as formas linguísticas diferentes desta eram apontadas como erro:

Quando comecei a estudar, logo na primeira fase do fundamental, aprendi que para regular a língua materna, para melhor falar e escrever existem normas prescritas pela gramática e que a linguagem aprendida em casa ou não na rua, que não valorizar essa abordagem, deveria ser esquecida, porque não era a padrão. Falava-se errado.

Percebemos por meio do discurso da professora que sua concepção inicial foi se modificando ao longo de sua formação, mas a mesma é bastante concisa nesta explanação e

não deixa claro como se deu essa transformação: “Ao chegar ao ensino médio fui formando um novo conceito de língua. Que a linguagem culta era muito importante, mas desprezar a linguagem informal era preconceito”.

Teria ocorrido alguma mudança no processo de ensino que lhe proporcionou essa nova concepção da língua? Parece contraditório, já que no Ensino Fundamental não se faz qualquer referência a variedade que não seja padrão e ao chegar no nível médio, de repente, essa atitude é tida como preconceituosa. Isso fica claro apenas no meio acadêmico em que há o acesso aos materiais teóricos que lhe permitem essa reflexão: “E a universidade proporcionou-me, através da representação de vários tipos de gramáticas, que a linguagem não padrão não devia ser tão marginalizada como nos era apresentada ainda criança e a tarefa da escola seria aprimorar essa língua tão rica”.

A professora confunde ainda as concepções de língua e linguagem, ora se reportando a linguagem, ora a língua, sem a devida compreensão da diferença entre estas:

[...] aprendi que para regular a língua materna[...] existem normas prescritas pela gramática e que a linguagem aprendida em casa ou na rua, que não valoriza essa abordagem, deveria ser esquecida[...]. Ao chegar ao ensino médio fui formando um novo conceito de concepção de língua. Que a linguagem culta era muito importante, mas desprezar a linguagem informal era preconceito.[...] a linguagem não padrão não deveria ser tão marginalizada.

Questionada acerca da importância do espaço que deve ser dado para o trabalho com a norma Não - Padrão, a professora destaca como positivo, visto que esta faz parte da realidade dos seus alunos e afirma ajudá-los a adaptar sua língua ao contexto linguístico sem modificar o conhecimento que esses já possuem. Em suas palavras:

[...] quando o aluno chega à escola já usa a língua não padrão, a linguagem informal. O que procuro fazer, baseada no que nos ensinam os grandes linguístas, é apenas ajudar o aluno a usar a língua materna de forma mais eficiente e adaptada aos diversos contextos linguísticos, e não “alterar o padrão que ele já adquiriu”.

Observamos que o posicionamento da docente dialoga com as considerações de LOUZADA (1992, p. 20) que evidencia o trabalho docente como uma atividade que visa ampliar os conhecimentos que os alunos já possuem possibilitando o contato com formas que

coloquialmente não utilizava, proporcionando, dessa forma, diversificadas situações comunicativas.

A docente afirma também apresentar a diferença entre a Variedade Padrão e Não Padrão buscando valorizar o nível de cultura dos seus alunos e propiciar a interação linguística em sala de aula. É bastante pertinente o destaque feito neste ponto:

Muitas vezes, por não dominar a norma padrão ou por ter sotaques diferentes, os alunos se sentem inibidos de interagir em sala de aula, de participar das atividades orais, com medo de ser ridicularizado. Diante disso é necessário que todos os professores (não só o de língua portuguesa) façam esse trabalho.

Contudo, a docente mostra-se reservada ao se manifestar sobre sua atitude e não explica de que maneira apresenta as diferenças entre as variedades: “[...] uma das primeiras abordagens que faço em sala de aula no início do ano, é um trabalho muito forte com as variedades linguísticas”.

Abordada a respeito da Variação Linguística na educação, a professora ressalta que as variedades devem ser vistas pelo processo educacional como algo positivo, deve-se educar para o pleno exercício da cidadania e para que isso ocorra não se pode desconsiderar as variedades que caracterizam nossa sociedade:

“De extrema importância, não adianta a escola ‘fechar os olhos’ para as múltiplas realidades dos alunos, oriundos de classes e grupos sociais distintos. [...] É essa diversidade linguística que proporciona a grande riqueza e criatividade do povo brasileiro. É necessário que a educação veja isso como algo positivo”.

No que concerne ao livro didático, a docente aborda essa questão de forma muito abrangente e pouco se manifesta a respeito não fazendo uma análise crítica do material que norteia o seu trabalho. Quando questionada da necessidade de buscar outras fontes mostra-se ainda mais abrangente e apesar de destacar a importância de procurar outros materiais para dar suporte ao seu trabalho não explicita que fontes seriam estas:

Acredito que buscar em outras fontes para complementar os conteúdos abordados em sala de aula, é um procedimento normal de todo professor. O livro didático do ensino médio traz gramática, redação e literatura de forma sintética, daí a necessidade de pesquisas em outras fontes.

A respeito de atividades que desempenha para envolver os alunos em situações diversificadas de comunicação, estas concentram-se em exercícios escritos ou exposição oral, mas não envolvem aspectos de adequação ou inadequação linguística, contexto discursivo, falantes envolvidos na interação de comunicação ou ainda o assunto vinculado no texto que está sendo trabalhado: “Priorizo as atividades em que eles tenham a oportunidade de explicar, comentar, fazer hipóteses e depois transformar esses textos orais em escritos”.

A docente evidencia trabalhar com as questões de linguagem formal/informal, mas isso não se mostra muito evidente considerando a resposta dada ao item anterior. Ao relacionarmos sua resposta aos objetivos deste trabalho, verificamos que a preocupação da docente não reside em apresentar diferentes possibilidades de uso da linguagem, mas permanece com um único enfoque: “Procuro elaborar exercícios que articulem os conhecimentos linguísticos dos alunos com suas habilidades de leitura e escrita, objetivando ampliar o domínio da norma culta”.

Considerando a visão da professora B a respeito da concepção de Língua Padrão e Não-Padrão, esta simplesmente não as define demonstrando não ter um conhecimento muito claro destes conceitos, orientando seu discurso, de modo bastante abrangente, na diferenciação destas normas aos seus alunos e dirigindo seu trabalho no esclarecimento da desmistificação de que há um modo certo e outro errado de uso da língua:

Sempre procuro diferenciar essas normas para os meus alunos mostrando os “dois lados da moeda”. É importante que a língua não seja vista apenas do ponto de vista gramatical, com um lado certo e um errado, mas de uma forma dinâmica com situações de usos e suas respectivas linguagens pertinentes.

Contudo, como esse esclarecimento pode ser feito, tendo em vista que a docente não demonstra domínio no conhecimento destas normas?

Abordada a respeito da importância de trabalhar a Variedade Não-Padrão, além da Variedade Padrão, a docente considera um ato falho direcionar o estudo da língua por apenas um viés, pois isto demonstra uma atitude preconceituosa e inadequada, tendo em vista as diferentes situações linguísticas que exigem uma adequação por meio do falante. De acordo com suas considerações:

A língua deve ser estudada em sua totalidade, é uma falha estudar a língua apenas em uma de suas vertentes, dessa forma, só haverá uma concepção

preconceituosa acerca dos que não seguem a gramática normativa e uma cobrança a falar-se formal até mesmo em ambientes informais.

A docente afirma ainda mostrar as diferenças entre as referidas Variedades Linguísticas por meio de textos que exemplifiquem estas diferenças: “[...] procuro levar textos que mostram a vertente regionalista, a linguagem formal, informal, as variações históricas, neologismos e as mudanças que a língua sofreu pra que se veja a língua como algo mutável e renovador, fruto da necessidade de comunicação humana”.

No que se refere à forma como a docente considera a Variação Linguística na educação, esta se mostra bastante concisa e acredita que a Variação não tem sido considerada: “Algo que não deve ser desconsiderado como é, mas que seja explorado, discutido para que se tenha uma visão mais ampla de alcance da língua portuguesa”.

Entretanto, sua afirmação se revela incoerente com a resposta apontada no item referente ao livro didático: “As editoras estão começando a se adaptarem a este novo modelo linguístico de ensino que está sendo proposto, o livro que usamos em nossa escola (Português: contexto, interlocução e sentido) já nos permite essa visão coerente de ensino da língua”.

Nesse sentido, nos perguntamos: se a Variação Linguística não tem sido apreciada, como as editoras vêm dedicando um maior espaço para essa questão?

Quando questionada a respeito da necessidade de buscar outras fontes para auxiliar o seu trabalho, a professora não se posiciona criticamente e transfere a necessidade da pesquisa por outras fontes aos próprios alunos:

[...] tem muito material da Internet que permite ao aluno ter em uma visão mais simples contato com essas novas perspectivas de ensino. Já que a Internet é um ambiente mais conhecido da juventude, é importante usá-la como ferramenta de aproximação do aluno ao conteúdo tendo o professor como mediador deste processo.

De forma mais específica, no que se refere às atividades práticas realizadas pela docente buscando envolver os discentes em diferentes possibilidades de uso da língua, observamos um posicionamento vago centrado na leitura de textos, o que nos leva a crer que estas atividades não evidenciam atitudes diversificadas de uso da língua, como fica evidente em seu posicionamento: “Na maneira do possível procuro envolvê-los nessas atividades através de textos em que são lidos e posteriormente analisados”.

Na realidade, sabemos como muito bem reflete BECHARA (1985, p.14), a grande missão do professor de língua materna seria a de possibilitar ao seu alunado transformar-se em um poliglota dentro da sua própria língua, reconhecendo, nesse caso, o uso da língua mais adequado a cada situação comunicativa, seja esta oral ou escrita.

Considerando o último questionamento, a educadora evidencia, com base na manifestação oral dos próprios discentes, estabelecer a relação da formalidade/informalidade linguística: “[...] através da análise da própria fala dos alunos é possível fazer um comparativo e explicar para eles como ficaria suas falas de maneira formal”.

Analisando o discurso da terceira docente, no tocante ao esclarecimento dos conceitos das normas Padrão e Não-Padrão, esta apresenta considerações bastante pertinentes, uma vez que as considera tendo em vista as diversificadas situações de uso da língua:

Norma padrão seria o resultado da prática da língua em um meio social considerado culto, que é considerado correto segundo a gramática normativa, já a não - padrão vincula-se a linguagem coloquial, de uso popular, que se usa oralmente de forma incorreta segundo a gramática normativa.

A referida docente evidencia como positivo o trabalho com a Variedade Não-Padrão em sala de aula, além da Variedade Padrão exigida pela instituição escolar já que, em sua concepção, agir dessa forma seria uma maneira de facilitar a aprendizagem dos discentes por meio da comparação estabelecida entre estas Variedades:

“[...], pois assim, podemos fazer uma comparação entre ambas, mostrando aos alunos o que seria correto segundo a gramática normativa e o que seria de uso popular, dessa forma fica mais fácil essa associação e conseqüentemente aprenderão as regras gramaticais de forma simplificada”.

Estabelecendo um paralelo da visão docente com as acepções de BAGNO (2000, p. 31) à medida que buscamos compreender melhor o Português Não-Padrão mais facilmente conseguimos diagnosticar os aspectos que o distingue do Português Padrão e por meio de uma análise comparativa minimizar o preconceito que perpassa o ensino de língua portuguesa.

Contudo, observamos que esta comparação é realizada de modo muito simplório, pois se concentra preferencialmente no plano de textos escritos convencionais com restrita participação dos alunos: “normalmente faço comparações de textos em que há falas com a

linguagem padrão e não-padrão, frases e até mesmo palavras usadas por seus familiares e do próprio aluno”.

Questionada acerca da Variação Linguística na educação a professora ressalta a problemática da resistência de muitos educadores não a trabalharem em sua prática, desconsiderando nesse sentido a cultura e realidade do seu alunado: “Muitas das vezes não é bem trabalhada, alguns educadores não consideram essa variação e acabam “condenando” seus alunos, não compreendendo que cada indivíduo carrega variações linguísticas de acordo com sua cultura , com o lugar onde vive”.

Nessa perspectiva, lembramo-nos das reflexões de FARACO (2009, p.41) que esclarece a validade de cada norma linguística não apenas por seus aspectos linguísticos, mas por meio da relação estabelecida entre estes e a realidade sociocultural que envolve os seus usuários.

No que se refere ao livro didático à educadora julga que este material concentra o seu estudo apenas com base na Norma Padrão desconsiderando as Variedades Linguísticas e ressalta que se houvesse um diálogo entre as Variedades facilitaria a compreensão dos alunos acerca dos fenômenos linguísticos. Em suas palavras:

Acredito que poderia haver no livro didático o uso da linguagem coloquial em contraponto com a linguagem formal, fazendo essa ponte entre ambas, assim os alunos assimilariam melhor essa diferença, o que percebemos é que há normalmente no livro de português apenas as normas de como seria correto segundo a gramática normativa, não contemplando as variedades da língua.

Sabemos que, além dos conhecimentos elucidados nos manuais normativos e livros didáticos, é essencial que o professor de língua materna conduza o seu trabalho com base nos conhecimentos linguísticos para constituir um ensino de língua significativo como destaca ALMEIDA; ZAVAM (2004, p. 242-243) uma base sociolinguística é um requisito fundamental e o reconhecimento do fenômeno da variação em sala de aula é extremamente relevante para um ensino eficaz sem espaço para a discriminação linguística.

Apesar de evidenciar lacunas no livro didático, a professora não aponta outras fontes para enriquecer o seu trabalho sugerindo atividades que são incoerentes para superar os déficits que elucidou anteriormente com base no estudo das Variações:

[...] o livro por si só não supre a carência que os alunos têm, principalmente em língua portuguesa. Acredito que o professor deve buscar meios para complementar essa carência como por exemplo: interpretação de textos (textos diversos) exercícios que estejam mais ligados a realidade do aluno, acredito que assim ele poderá aprender à sua maneira.

No item referente à promoção de atividades que envolvam diferentes atitudes linguísticas dos seus alunos o discurso da professora gera uma contradição já que a mesma critica o enfoque que os livros didáticos dão apenas ao estudo de uma Variedade e até mesmo a atitude de professores que não consideram diferentes Variações, mas em suas palavras percebemos a prevalência da Norma Padrão: “[...] normalmente através de seminários que exige uma linguagem bem mais elaborada do que eles estão acostumados, também incentivo as apresentações teatrais que pode viabilizar diferentes atitudes linguísticas dos alunos”.

Em relação ao último tópico para distinguir os diferentes níveis de formalidade no uso da língua a professora por meio de atividades simples tem como ponto de partida os sujeitos envolvidos nas situações de comunicação: “[...] uso textos que têm essa diferença de formalidade, como uso de cartas, por exemplo, mostrando o grau de formalidade dependendo para quem será emitida”.

Diante da análise do olhar das três docentes aos questionamentos alusivos a temática investigada neste trabalho, depreendemos tanto aspectos em comum, quanto divergências em suas considerações.

Percebemos que os próprios conceitos de Norma Padrão e Não - Padrão não se apresentaram muito claros em suas considerações, nesse sentido, nos perguntamos: como estas profissionais podem realizar um trabalho significativo se demonstram não compreenderem plenamente as Normas Linguísticas?

Por outro lado, apesar desse déficit, não podemos deixar de considerar que as docentes reconhecem a relevância de um trabalho que aborde a língua materna de forma mais ampla valorizando a realidade dos seus alunos. Essa constatação esclarece de modo positivo um dos objetivos deste trabalho que é o de verificar se existe a preocupação dos professores em conscientizar aos seus alunos que a língua vai além das normas prescritas nos manuais normativos e, se há essa preocupação acreditamos que mesmo de modo simplificado este trabalho se constitui como uma atividade válida, ainda que as educadoras tenham demonstrado um conhecimento lacunar destas Normas.

Além disso, verificamos também em relação à análise do agir das professoras um posicionamento bastante discreto acerca do seu trabalho. Apenas identificamos algumas atividades realizadas que se concentram em exercícios, leitura de textos visando à diferenciação entre as Variedades Linguísticas.

Constatamos ainda pontos divergentes no que alude a apreciação que as docentes fazem do seu material didático, uma vez que se trata de obras diferentes. A professora A orienta o seu trabalho com a obra *Português Linguagens* e apesar de ressaltar que os livros de modo geral têm apresentado uma visão da língua mais reflexiva considera ainda não ser o suficiente, já B julga o seu material didático, *Português: Contexto, Interlocução e Sentido*, adequado afirmando que as editoras vêm dando maior espaço as diferentes manifestações linguísticas, e C avalia que seu o aporte teórico, *Novas Palavras*, permanece centrado apenas no enfoque normativo.

Apesar das docentes A e C destacarem problemas em seu material didático não apontam outras fontes que possam orientar melhor o seu trabalho e superar os problemas encontrados. Vale ressaltar que a análise do material didático realizada pelas docentes não dialoga em diversos pontos com a apreciação realizada neste trabalho.

A respeito de como as educadoras veem a Variação Linguística na Educação a professora A evidencia que o processo educacional não pode desconsiderar o fenômeno da Variação, pois só dessa forma estaria cumprindo o seu papel de valorização da identidade nacional educando para o exercício da cidadania. Por meio do posicionamento de B verificamos um discurso bastante conciso que ecoa na voz social destacando a importância, apesar de o sistema educacional não considerá-la de forma significativa. Em C o discurso se orienta com base na resistência de muitos educadores em trabalharem efetivamente as múltiplas formas de manifestação linguística acarretando em consequência um conhecimento lacunar na formação dos seus alunos.

No último tópico referente às atividades realizadas em sala de aula que proporcionem diferentes graus de formalismo da linguagem, a docente A não evidencia claramente as atividades que realiza, já B, com base na manifestação oral dos próprios alunos estabelece uma comparação entre os diferentes níveis de linguagem, e C por meio de atividades simples, como a análise de diferentes tipos de cartas, tem como ponto de partida os sujeitos que participam da interação comunicativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões empreendidas no decorrer deste trabalho, a partir do esclarecimento de conhecimentos pertinentes à compreensão dos fenômenos linguísticos, pudemos comprovar o quanto nossa língua é plural e, em consequência disso, é imprescindível que esta seja explorada em toda sua gama de manifestações.

Entendemos que o acesso ao ensino da Variedade Padrão, proporcionado pela escola, deve ocorrer em respeito às outras Variedades Linguísticas, sem dá margem ao preconceito, possibilitando aos discentes e aos próprios professores uma reflexão mais ampla acerca da sua língua e de seus usos.

Por meio da análise dos discursos das três docentes, buscamos observar como estas **concebem** e desenvolvem em sua prática, na sala de aula, o estudo do Português Padrão e Não-Padrão.

Com base em seus posicionamentos, evidenciamos um conhecimento lacunar a respeito da temática, já que as mesmas confundem os conceitos de língua e linguagem, embora ressaltem a importância do ensino aberto a diferentes manifestações linguísticas e do espaço que atualmente vem sendo dado na educação para esse tipo de abordagem, apenas tangenciam alguns conceitos gerais do que se configura o Português Padrão e Não-Padrão não demonstrando um conhecimento claro e fundamentado em bases Sociolinguísticas destas Variedades.

Faz-se necessário também que os professores enriqueçam seu trabalho buscando desenvolver um olhar mais crítico para o material didático que lhes dá suporte, ressaltando neste, as considerações pertinentes e se valendo de outras referências para complementar suas discussões e nortear de modo mais significativo a sua prática docente.

Vale destacar que apesar de pouco se posicionarem em relação ao seu agir em sala de aula, em todos os discursos em análise, diagnosticamos que a Variedade Não-Padrão vem sendo abordada ao menos minimamente, uma vez que é clara a preocupação em desenvolver um trabalho que não se apóia somente em uma manifestação da língua buscando mesmo, de forma simples, referir-se a existência de outras formas de propagação da nossa língua materna, seja através de atividades escritas que contemplem outras Variedades, seja dando voz ao seu alunado por meio da abertura de um pequeno espaço para debates ao longo da aula.

Fica evidente, nesse sentido, que as profissionais se importam com um ensino mais amplo da Língua Portuguesa, o que já se configura como um ganho significativo, sendo necessário agora o aguçamento dessa consciência, para que esta atividade transcenda ao nível da reflexão e caracterização e se abra espaço às situações de uso efetivo para que teoria e prática caminhem juntas.

Nesse ponto, as docentes poderiam enriquecer o seu trabalho por meio de atividades que simulassem diferentes contextos de realização da língua como o nível cultural dos seus usuários, o sexo, a situação econômica e o ambiente de interação comunicativa. Seria significativo ainda, trabalhar a elaboração e reelaboração de um mesmo texto tendo em vista esses aspectos, objetivando assim, de forma prática, desmistificar a ideia de que há formas corretas e incorretas, mas a compreensão de adequação/inadequação linguística à situação comunicativa.

Além disso, a exibição de vídeos, filmes, pesquisas realizadas na própria comunidade para registrar os mais variados tipos de discursos, como também o estudo da obra de escritores regionalistas, compositores ou mesmo artistas populares locais, como cantadores de viola, que trazem em suas produções marcas de uma linguagem distinta de produções mais clássicas, para que se possa estabelecer um paralelo entre estas Variedades.

Identificamos, ao longo da produção deste trabalho, inúmeras contribuições pertinentes ao ensino de Língua Materna por meio das reflexões obtidas através das leituras do aporte teórico que nos permitiram uma compreensão mais nítida e esclarecedora dos conceitos acerca das Variedades Padrão e Não-Padrão.

A análise das respostas docentes aos questionamentos realizados nos proporcionou também observar como o ensino das Variedades Padrão e Não-Padrão vem sendo ministrado em sala de aula e qual a visão que os próprios professores demonstram ter destas Variedades.

Diante do referencial teórico e desta observação, percebemos as implicações que o ensino do Português Padrão e Não-Padrão têm assumido no ensino de Língua Materna, já que para realizarmos um trabalho significativo visando à formação de usuários conscientes da sua Língua temos que considerar em nossa prática os conhecimentos proporcionados pela gramática normativa para nos constituirmos como escritores e leitores eficientes em determinados contextos de comunicação que exijam este conhecimento e, ao mesmo tempo, compreendermos a importância do esclarecimento de que a Língua é viva e, portanto, flexível

havendo a necessidade de conhecermos outras Variedades que também são eficientes em outras situações de comunicação.

Além disso, com base nessa conscientização desmistificar diversos mitos que circundam o ensino da Língua e, em consequência, tem provocado ocorrências do preconceito linguístico que acaba por comprometer o desenvolvimento pleno dos estudantes que se sentem inibidos a se posicionarem em sala de aula.

Assim, cabe ao professor em suas aulas de Língua Portuguesa, ressignificar a sua prática docente, tendo em vista a dinamicidade da língua, partindo de uma metodologia que não apenas aponte as Variedades Linguísticas, ou faça uso de diferentes estilos de textos somente como pretexto para a identificação de certos aspectos gramaticais, mas trabalhe efetivamente de forma prática com a multiplicidade de formas de uso da língua em diferentes contextos discursivos, considerando a realidade sociocultural dos seus alunos, minimizando a distância existente entre as modalidades da língua.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M. (org.). **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.
- ALMEIDA, Nukácia; ZAVAN, Aurea (orgs). **A Língua na Sala de Aula: Questões práticas para um ensino produtivo**. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2004.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES Anna Chistina. (Orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- AMARAL, Emília. (org.). **Novas Palavras**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: Novela Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2000.
- BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática: Opressão? Liberdade?**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da Norma**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- CEREJA, William Roberto (org.). **Português Linguagens**. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta brasileira: desatando alguns nós**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- LOUZADA, Maria Sílvia Olivi. O Ensino da Norma na Escola. In: MURRIE, Zuleika de Felice (Org.). **O Ensino de Português: do primeiro grau à universidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** : Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O português são dois:** Novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Como você concebe a norma padrão e a não-padrão da Língua Portuguesa?
2. Em sua opinião considera importante trabalhar a Variedade Não-Padrão em sala de aula, além da norma Padrão exigida pela escola? Por quê?
3. Você mostra a seus alunos a diferença entre o Português Padrão e Não-Padrão? Se sim, como faz isso?
4. De que forma você vê a questão da Variação Linguística na Educação?
5. Em sua opinião o livro didático contempla as Variedades da Língua? Justifique a sua resposta.
6. Você faz uso de outros materiais para dar suporte ao livro didático? Em caso afirmativo, quais e por que julga necessário?
7. Você procura desenvolver atividades que envolvam diferentes atitudes linguísticas dos seus alunos? De que forma?
8. Você possibilita em sala de aula atividades que evidenciem diferentes graus de formalismo no uso da linguagem?

RESPOSTA ESCRITA DAS DOCENTES

Professora A

1. Como você concebe a norma padrão e a Não-Padrão da Língua Portuguesa?

Quando comecei a estudar, logo na primeira fase do fundamental, aprendi que para regular a língua materna, para melhor falar e escrever existem normas prescritas pela gramática e que a linguagem aprendida em casa ou não na rua, que não valorizar essa abordagem, deveria ser esquecida, porque não era a padrão. Falava-se errado.

Ao chegar ao ensino médio fui formando um novo conceito de concepção de língua. Que a linguagem culta era muito importante, mas desprezar a linguagem informal era preconceito. E a universidade proporcionou-me, através da apresentação de vários tipos de gramáticas, que a linguagem não padrão devia ser tão marginalizada como nos era apresentada ainda criança e a tarefa da escola seria aprimorar essa língua tão rica.

2. Em sua opinião considera importante trabalhar a Variedade Não-Padrão em sala de aula, além da Norma Padrão exigida pela escola? Por quê?

Sim, é de extrema importância, mesmo porque quando o aluno chega à escola já usa a língua não padrão, a linguagem informal. O que procuro fazer, baseada no que nos ensinam os grandes linguistas, é apenas ajudar o aluno a usar a língua materna de forma mais eficiente e adaptada aos diversos contextos lingüísticos, e não “alterar o padrão que ele já adquiriu.”

3. Você mostra a seus alunos a diferença entre o Português Padrão e Não-Padrão? Se sim, como faz isso?

Sim baseada na resposta acima, uma das primeiras abordagens que faço em sala de aula no início do ano, é um trabalho muito forte sobre as variedades lingüísticas, como forma de valorizar o nível sociocultural a que os alunos pertencem e diminuir a timidez. Muitas vezes, por não dominar a norma padrão, ou por ter sotaques diferentes, os alunos se sentem inibidos de interagir em sala de aula, de participar das atividades orais, com medo de ser ridicularizado. Diante disso é necessário que todos os professores (não só os de língua portuguesa) façam esse trabalho.

4. De que forma você vê a questão da variação lingüística na educação?

De extrema importância, não adianta a escola “fechar os olhos” para as múltiplas realidades dos alunos, oriundos de classes e grupos sociais distintos. Se assim o fizer corre o risco de marginalizá-los e desviar-se do seu projeto que é educar para o exercício pleno da cidadania.

É essa diversidade linguística que proporciona a grande riqueza e criatividade do povo brasileiro. É necessário que a educação veja isso como algo positivo. É idealizar, querer uma língua homogênea em que todos sigam a norma padrão.

5. Em sua opinião o livro didático contempla as Variedades da Língua? Justifique a sua resposta.

Na última década percebe-se que o livro didático tem-se voltado bastante para essa questão, há capítulos dedicados à variedade linguística e exercícios que contemplam essa temática. Ainda não é o suficiente, mas considero um avanço.

6. Você faz uso de outros materiais para dar suporte ao livro didático? Em caso afirmativo, quais e por que julga necessário?

Acredito que buscar em outras fontes para complementar os conteúdos abordados em sala de aula, é um procedimento normal de todo professor. O livro didático do ensino médio traz gramática, redação e literatura de forma sintética, daí a necessidade de pesquisas em outras fontes.

7. Você procura desenvolver atividades que envolvam diferentes atitudes linguísticas dos seus alunos? De que forma?

Sim. Procuo elaborar exercícios que articulem os conhecimentos linguísticos dos alunos com suas habilidades de leitura e escrita, objetivando ampliar o domínio da norma culta. Priorizo as atividades em que eles tenham a oportunidade de explicar, comentar, fazer hipóteses e depois transformar esses textos orais em escritos. Sem pressioná-los na questão do certo ou errado, apenas primo pela clareza, organização, coesão, coerência das ideias etc.

8. Você possibilita em sala de aula atividades que evidenciem diferentes graus de formalismo no uso da linguagem?

Acredito que essa questão já ficou clara nas respostas acima, mas só para completar a resposta é afirmativa. Essa semana (dias 11 e 12/04), por exemplo, trabalhei com um tema na 2ª série

do ensino médio, uma atividade a partir de uma crônica de Manuel Bandeira, que deixava evidente essa abordagem.

Professora B

1. Como você concebe a norma padrão e a Não-Padrão da Língua Portuguesa?

Sempre procuro diferenciar essas normas para os meus alunos mostrando os “dois lados da moeda”. É importante que a língua não seja vista apenas do ponto de vista gramatical, com um lado certo e um errado, mas de uma forma dinâmica com situações de usos e suas respectivas linguagens pertinentes.

2. Em sua opinião considera importante trabalhar a Variedade Não-Padrão em sala de aula, além da Norma Padrão exigida pela escola? Por quê?

A língua deve ser estudada em sua totalidade, é uma falha estudar a língua apenas em uma de suas vertentes, dessa forma, só haverá uma concepção preconceituosa acerca dos que não seguem a gramática normativa e uma cobrança a falar-se formal até mesmo em ambientes informais.

3. Você mostra a seus alunos a diferença entre o Português Padrão e Não-Padrão? Se sim, como faz isso?

Sim, procuro levar textos que mostram a vertente regionalista, a linguagem formal, informal, as variações históricas, neologismos e as mudanças que a língua sofreu pra que se veja a língua como algo mutável e renovador, fruto da necessidade de comunicação humana.

4. De que forma você vê a questão da Variação Linguística na Educação?

Algo que não deve ser desconsiderado como é, mas que seja explorado, discutido para que se tenha uma visão mais ampla de alcance da língua portuguesa.

5. Em sua opinião o livro didático contempla as Variedades da Língua? Justifique a sua resposta.

As editoras estão começando a se adaptarem a este novo modelo linguístico de ensino que está sendo proposto, o livro que usamos em nossa escola (Português: contexto, interlocução e sentido) já nos permite essa visão coerente de ensino da língua.

6. Você faz uso de outros materiais para dar suporte ao livro didático? Em caso afirmativo, quais e por que julga necessário?

Sim, tem muito material da Internet que permite ao aluno ter em uma visão mais simples contato com essas novas perspectivas de ensino. Já que a Internet é um ambiente mais conhecido da juventude, é importante usá-la como ferramenta de aproximação do aluno ao conteúdo tendo o professor como mediador deste processo.

7. Você procura desenvolver atividades que envolvam diferentes atitudes linguísticas dos seus alunos? De que forma?

Na maneira do possível procuro envolvê-los nessas atividades através de textos em que são lidos e posteriormente analisados.

8. Você possibilita em sala de aula atividades que evidenciem diferentes graus de formalismo no uso da linguagem?

Sim, através da análise da própria fala dos alunos é possível fazer um comparativo e explicar para eles como ficaria suas falas de maneira formal.

Professora C

1 - Como você concebe a norma padrão e a Não-Padrão da Língua Portuguesa?

Norma padrão seria o resultado da prática da língua em um meio social considerado culto, que é considerado correto segundo a gramática normativa, já a não- padrão vincula-se a linguagem coloquial, de uso popular, que se usa oralmente de forma incorreta segundo a gramática normativa.

2 - Em sua opinião considera importante trabalhar a Variedade Não-Padrão em sala de aula, além da Norma Padrão exigida pela escola? Por quê?

Sim, pois assim, podemos fazer uma comparação entre ambas, mostrando aos alunos o que seria correto segundo a gramática normativa e o que seria de uso popular, dessa forma fica mais fácil essa associação e conseqüentemente aprenderão as regras gramaticais de forma simplificada.

3 - Você mostra a seus alunos a diferença entre o Português Padrão e Não-Padrão? Se sim, como faz isso?

Sim, normalmente faço comparações de textos em que há falas com a linguagem padrão e não-padrão, frases e até mesmo palavras usadas por seus familiares e do próprio aluno.

4- De que forma você vê a questão da Variação Linguística na Educação?

Muitas das vezes não é bem trabalhada, alguns educadores não consideram essa variação e acabam “condenando” seus alunos, não compreendendo que cada individuo carrega variações linguísticas de acordo com sua cultura, com o lugar onde vive.

5 - Em sua opinião o livro didático contempla as Variedades da Língua? Justifique a sua resposta.

Acredito que poderia haver no livro didático o uso da linguagem coloquial em contraponto com a linguagem formal, fazendo essa ponte entre ambas, assim os alunos assimilariam melhor essa diferença, o que percebemos é que há normalmente no livro de português apenas as normas de como seria correto segundo a gramática normativa, não contemplando as variedades da língua.

6 - Você faz uso de outros materiais para dar suporte ao livro didático? Em caso afirmativo, quais e por que julga necessário?

Sim, o livro por si só não supre a carência que os alunos têm, principalmente em língua portuguesa. Acredito que o professor deve buscar meios para complementar essa carência como, por exemplo: interpretação de textos (textos diversos) exercícios que estejam mais ligados a realidade do aluno, acredito que assim ele poderá aprender à sua maneira.

7- Você procura desenvolver atividades que envolvam diferentes atitudes linguísticas dos seus alunos? De que forma?

Sim, Normalmente através de seminários que exige uma linguagem bem mais elaborada do que eles estão acostumados, também incentivo as apresentações teatrais que podem viabilizar diferentes atitudes linguísticas dos alunos.

8- Você possibilita em sala de aula atividades que evidenciem diferentes graus de formalismo no uso da linguagem?

Sim, normalmente uso textos que têm essa diferença de formalidade, como uso de cartas, por exemplo, mostrando o grau de formalidade dependendo para quem será emitida.

ANEXOS

coleção

NOVAS PALAVRAS

NOVA EDIÇÃO

LÍNGUA PORTUGUESA

Emília Amaral

Mauro Ferreira

Ricardo Leite

Severino Antônio

NOVAS PALAVRAS

PNLD
2012
2013
2014



FNE
MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

VENIDA PÉCIBIDA

CÓDIGO DO LIVRO: **25131C0101** TIPO: **M**

FTD

ENSINO MÉDIO - VOLUME

1

MANUAL do PROFESSOR

Coleção Novas Palavras – nova edição
Copyright © Emília Amaral, Mauro Ferreira do Patrocínio, Ricardo Silva Leite,
Severino Antônio Moreira Barbosa, 2010.
Todos os direitos de edição reservados à

Editora FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
CEP: 01326-010 Tel.: (0XX11) 3598-6300
Caixa Postal: 65149 – CEP: 01318-970
Internet: <http://www.ftd.com.br>
E-mail: ensino.medio@ftd.com.br

Diretora editorial
Silmara Sapiense Vespasiano

Editora
Luciana Keler M. Corrêa

Editora assistente
Ângela Carmela Di Cesare M. Marques

Assistentes de produção
Ana Paula Iazetto
Líliá Pires

Assistente editorial
Cláudia Denise da Silva

Preparadoras
Fátima de Carvalho M. de Souza
Maria de Fátima Cardoso

Revisoras
Ana Lúcia Sant'Ana dos Santos, Ângela das Neves,
Araceli de Lima, Fernanda Batista dos Santos,
Francisca M. Lourenço, Sandra Lia Farah,
Sandra Regina Fernandes

Operadora de editoração eletrônica
Gislene Aparecida Benedito

Coordenador de produção editorial
Caio Leandro Rios

Editora de arte
Andréia Crema

Projeto gráfico
Andréia Crema

Capa
Andréia Crema

Ilustrações que acompanham o projeto
Editoria de Arte

Cartografia
Mário Yoshida

Ilustradores
Fernandes e Gilmar

Iconografia
Pesquisa
Célia Rosa, Etoile Shaw,
Odete Ernestina Pereira

Assistência
Cristina Mota

Editoração eletrônica
Diagramação
Edgar Sgai, Fabiano dos Santos Mariano,
Luís Vassalo e Sheila Moraes Ribeiro

Tratamento de imagens
Ana Isabela Pithan Maraschin, Ezequiel Racheti,
Oséias Dias Sanches e Vânia Aparecida Maia de Oliveira

Gerente de pré-impressão
Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novas palavras, nova edição / Emília Amaral...
[et al.]. – 1. ed. – São Paulo : FTD, 2010. –
(Coleção novas palavras, nova edição ; v. 1)

Outros autores : Mauro Ferreira do Patrocínio, Ricardo
Silva Leite, Severino Antônio Moreira Barbosa
Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.

ISBN 978-85-322*7356-7 (aluno)
ISBN 978-85-322-7357-4 (professor)

1. Português (Ensino médio) I. Amaral, Emília.
II. Patrocínio, Mauro Ferreira do. III. Leite, Ricardo Silva.
IV. Barbosa, Severino Antônio Moreira. V. Série.

10-03826

CDD-469.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Português : Ensino médio 469.07

Gramática... gramáticas

Leitura inicial

A crônica a seguir será nosso ponto de partida para uma breve reflexão a respeito de determinadas características e usos da língua portuguesa. Leia-a com atenção.

Santos nomes em vãos

Drama verídico e gerado por virgulazinhas malpostas, cúmplices de tantas reticências.

Praxedes é gramático. Aristarco também. Com esses nomes não poderiam ser cantores de *rock*. Os dois trabalham num jornal – Praxedes despacha as questiúnculas à tarde; Aristarco, à noite. Um jamais concordou com uma vírgula do outro e é lógico que seja assim. Seguem correntes diversas. A gramática tem isso: é democrática. Permitindo mil versões, dá a quem sustenta uma delas o prazer de vencer 999.

Praxedes é um santo homem. Aristarco também. Assinam listas, compram rifas, ajudam quem precisa. E são educados. A voz dos dois é mansa, quase um sussurro. Mas que ninguém se atreva a discordar de um pronome colocado por Praxedes. Ou de uma crase posta por Aristarco. Se a conversa ameaça escorregar para os verbos defectivos ou para as partículas apassivadoras, melhor escapar enquanto dá. Porque aí cada um deles desanda a bramir como um leão.

Adversários inconciliáveis, têm um ponto em comum, além da obsessão pela gramática: não são nada populares. Na frente deles, as pessoas ficam inibidas, quase não conversam.

Porque nunca sabem se dizem bom-dia ou bons-dias, se meio quilo são quinhentos gramas ou é quinhentas gramas, se é meio-dia e meio ou meio-dia e meia, se nasceram em Santa Rita do Passa Quatro ou dos Passam Quatro.

Para que os dois não se matem, o chefe pôs cada um num horário. Praxedes, mais liberal (vendilhão, segundo Aristarco), trabalha nos suplementos do jornal, que admitem uma linguagem mais solta. Aristarco, ortodoxo (quadradão, segundo Praxedes), assume as vírgulas dos editoriais e das páginas de política e economia. [...]

Laurent de La Hire. 1650. Óleo sobre tela. Galeria Nacional, Londres



Sempre estiveram a um passo do quebra-pau. Hoje, para festa dos ignorantes e dos mutiladores do idioma, parece que finalmente vão dar esse passo. É dia de pagamento e eles se encontraram na fila do banco. Um intrigante vem pondo fogo nos dois já há um mês e agora ninguém duvida: nunca saberemos quem é o melhor gramático, mas hoje vamos descobrir pelo menos quem é mais eficiente no braço.

Aristarco toma a iniciativa. Avança e despeja:

– Seu patife, biltre, poltrão, pusilânime.

Praxedes responde à altura:

– Seu panaca, almofadinha, calhorda, caguincha.

Aristarco mete o dedo no nariz de Praxedes:

– É a vossa progenitora!

Praxedes toca o dedo no nariz de Aristarco:

– É a sua mãe!

Engalfinham-se, rolam pelo chão, esmurram-se.

Quando o segurança do banco chega para apartar, é tarde.

Praxedes e Aristarco estão desmaiados um sobre o outro, abraçados, como amigos depois de uma bebedeira.

O guarda pergunta à torcida o que aconteceu. Um *boy* que viu tudo desde o começo explica:

– Pra mim, esses caras não é bom da bola. Eles começaram a falá em estrangeiro, um estranhô o outro, os dois foram se esquentando, se esquentando, e aí aquele ali, ó, que também fala brasileiro, pôs a mãe no meio. Levô uma bolacha e fico doido: enfiô o braço no focinho do outro. Aí os dois rolô no chão.

Para a sorte do *boy*, Aristarco e Praxedes continuavam desacordados.

Raul Drewnick. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 mar. 1988. Caderno 2.

A palavra no texto

questiúncula – pequena questão, questão irrelevante; sem importância
bramir – urrar; gritar
ortodoxo – aquele que segue rigorosamente uma regra ou doutrina
biltre – patife; desprezível
poltrão – covarde
pusilânime – aquele que é moralmente fraco; sem caráter
calhorda – canalha
caguincha – covarde
engalfinhar – agarrar, numa briga, o adversário

Releitura

- Qual dos dois gramáticos é mais purista, isto é, mais conservador, mais apegado à tradição no uso da língua portuguesa: Praxedes ou Aristarco? Justifique com elementos do texto.
- Ao longo da crônica, o narrador faz pequenos comentários e emprega determinadas palavras e expressões que revelam o posicionamento dele em relação aos dois personagens.
 - O narrador é favorável ou contrário ao modo como Praxedes e Aristarco veem a gramática? Justifique com passagens do texto.
 - A certa altura da crônica, o narrador usa a expressão “dos ignorantes e dos mutiladores do idioma”. Levando em conta a resposta ao item anterior, explique se esse posicionamento é parte do **discurso** do próprio narrador ou se ele parodia (imita de forma cômica, irônica) o discurso dos dois gramáticos.

Fique atento!

Discurso é todo ato linguístico de fala ou de escrita que estabelece comunicação entre dois ou mais interlocutores (quem fala / escreve e quem ouve / lê).

3. *Boy* (forma reduzida do inglês *office boy*) é uma palavra que nomeia funcionários de escritórios que levam e trazem documentos, vão a bancos, transmitem recados...
- a) Segundo o relato do *boy*, os dois gramáticos falavam em "estrangeiro" e só um deles falava também "brasileiro". Como ele concluiu que um dos dois falava as "duas línguas"?
- b) O fato de um dos gramáticos "falar em estrangeiro" levou o rapaz a equivocar-se em relação a quem "pôs a mãe no meio"? Justifique.
4. Em relação aos dois últimos parágrafos da crônica, responda:
- a) Você acha que o *boy* sabe gramática ou não? Justifique.
- b) O que o cronista dá a entender com a última frase do texto?

As diferentes gramáticas

Se apresentarmos a fala do *boy* a diferentes ouvintes ou leitores, muitos deles poderão afirmar que o personagem não sabe gramática (talvez você também tenha pensado assim...). Alguns poderão dizer: "Ele não sabe português." ou "Ele não sabe falar." ou ainda "Ele fala errado.". Outros talvez façam um julgamento preconceituoso sobre a fala do rapaz, dizendo: "Ele fala feio.". Afirmações desse tipo são o resultado de uma confusão que normalmente ocorre entre **língua**, **gramática** e **gramática normativa**.

O *boy*, na realidade, sabe – e muito bem – falar português, tanto é que ele explicou o que havia acontecido, e todos o entenderam perfeitamente. E que língua ele usou para se comunicar? A **língua portuguesa**, é claro. Como todo falante de um idioma, o *boy* explicou a situação empregando uma forma de falar que ele está acostumado a usar em seu dia a dia.

E quanto à **gramática**?

Afinal, o *boy* sabe ou não sabe gramática?

Na fala do personagem aparece este trecho:

“– [...] esses caras não é bom da bola.”

É claro que o *boy*, usando essas mesmas palavras, poderia ter escolhido outras maneiras de falar. Assim, por exemplo:

- Não é bom da bola esses caras.
- Da bola, esses caras não é bom.
- Esses caras, da bola não é bom.

Linguagem, língua e fala

Linguagem – qualquer sistema de sinais convencionais (código) por meio do qual os seres humanos podem realizar atos de comunicação. Pode ser:

- **Linguagem verbal** – seu sistema de sinais convencionais são as palavras *orais* ou *escritas*.
- **Linguagem não verbal** – seu sistema de sinais convencionais são *imagens* (ex.: sinais de trânsito) ou *sons* (ex.: música).

Língua ou **idioma** – forma particular de linguagem utilizada por uma determinada comunidade (um povo) para se comunicar por meio da palavra falada ou escrita. Ex.: língua portuguesa, língua espanhola...

Fala – maneira individual de acordo com a qual cada pessoa utiliza concretamente sua língua.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL

Mas, com certeza, ele não usaria as palavras numa ordem como esta:

***Esses não bola, da bom é caras.**

E por que o *boy* jamais falaria assim?

Ele não ordenaria as palavras dessa maneira porque, como falante do idioma, aprendeu, na prática, que sequências como essa não são válidas; não respeitam o sistema de regras de funcionamento da língua.

É esse sistema de funcionamento que recebe o nome de **gramática da língua**.

Todos os usuários de um idioma assimilam, **internalizam** a gramática de sua língua pela prática, como falantes e ouvintes cotidianos.

Nosso conhecimento prático, como falantes do português, permite-nos concluir facilmente que o enunciado “Esses caras não é bom da bola” é **gramatical** (válido) e “*Esses não bola, da bom é caras” é um enunciado **agramatical** (não obedece ao sistema interno de funcionamento da língua).

A outra gramática

A crônica *Santos nomes em vãos* termina assim:

“Para a sorte do *boy*, Aristarco e Praxedes continuavam desacordados.”

Com essa frase, o narrador dá a entender que, se os dois gramáticos ouvissem a fala do *boy*, certamente ficariam indignados, criticariam o seu “jeito de falar” e “corrigiriam” aquilo que, do ponto de vista deles, seriam “erros de português”. Eles diriam, por exemplo, que a frase “*Os dois rolô no chão*” está errada e que o certo é “*Os dois rolaram no chão*”.

Aristarco e Praxedes são defensores da **gramática normativa**, um conjunto de orientações e regras que, para estabelecer seus critérios de “certo” e “errado”, toma como referência a maneira como

FIQUE ATENTO!

As regras do idioma

[...] os falantes e ouvintes de uma mesma língua observam um número não pequeno de regras – mil a mil e quinhentas é uma estimativa já admitida –, ao falarem e ouvirem. Tais regras constituem um sistema [...]. É a esse sistema que se dá o nome de gramática de uma língua [...] o normal é que um indivíduo normal internalize praticamente todas as regras de sua língua já ao atingir doze-treze anos.

Antônio Houaiss. *O que é língua*. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Primeiros passos).

O que dizem os linguistas

1. [...] A linguagem é uma habilidade complexa e especializada, que se desenvolve espontaneamente na criança [...] as pessoas sabem falar mais ou menos da mesma maneira como as aranhas sabem tecer teias. A atividade de tecer teias não foi inventada por nenhum gênio-aranha desconhecido e não depende de uma educação adequada nem de aptidão para a arquitetura ou para a construção civil. As aranhas tecem teias de aranha porque têm cérebros de aranha, que lhes dão impulso e a competência para tecê-las.

Steven Pinker. In: Gennaro Chierchia. *Semântica*. Campinas/Londrina: Editora da Unicamp/Eduel, 2003. p. 28-9.

2. [...] qualquer falante de português possui um conhecimento *implícito* altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento.

E [...] esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. [...]

Mário Perini. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997. p. 13.

tradicionalmente o idioma vem sendo empregado por usuários considerados por ela como “exemplares” (romancistas e poetas consagrados, oradores famosos, intelectuais, gramáticos...).

Assim, frases como “*Pra mim, esses caras não é bom da bola*” e “*Os dois rolô no chão*”, por não se enquadrarem no padrão de uso tradicional, “exemplar” do idioma, são consideradas incorretas pela gramática normativa. Essas duas frases, por outro lado, são consideradas corretas do ponto de vista linguístico, já que obedecem às regras de funcionamento do idioma e todos compreendem as ideias que elas expressam.

As reflexões anteriores permitem concluir, então, que existem duas gramáticas: a **gramática internalizada** e a **gramática normativa**.



Qual é a diferença entre **gramática internalizada** e **gramática normativa**?

Depois que você responder a essa pergunta, talvez seja o momento de voltar à questão 4.a, da seção Releitura, e, se for o caso, repensar a sua resposta.

Variedades linguísticas

Variedade padrão e variedade não padrão

Vimos, na seção anterior, que a **gramática normativa** considera correta a frase “*Os dois rolaram no chão*” e incorreta a frase “*Os dois rolô no chão*”. Mas... se essas duas frases dizem a mesma coisa, se qualquer falante do idioma pode compreendê-las perfeitamente, por que só a primeira é aceita como correta? Que critérios são empregados para definir o que é “certo” e o que é “errado” na língua?

Os critérios que determinam a **norma** (padrões de uso) de uma língua se estabelecem ao longo do tempo principalmente pela ação da escola e dos meios de comunicação. Esses dois instrumentos sociais levam os falantes de um idioma a aceitarem como “certo” o modo de falar da camada da população que, em virtude de sua situação social privilegiada, tem maior prestígio na sociedade. Essa variedade, denominada **variedade padrão** (ou **normas urbanas de prestígio**), é usualmente falada e escrita em situações mais

FAÇA ATENÇÃO!

Uma língua oferece a seus usuários diferentes **formas de realização**, isto é, diferentes “jeitos de falar e escrever”, e, segundo a Linguística, não existe uma forma melhor (mais certa) ou pior (mais errada) de empregar uma língua.

A **norma-padrão** é apenas uma entre as muitas formas de usar a língua. A escolha da norma-padrão como “modelo” é **arbitrária e convencional**; baseia-se em critérios ideológicos (sociais, culturais, políticos e econômicos). Portanto, vale dizer que não existe uma língua única que coincide com a variedade padrão. A língua é apresentada como uma realidade heterogênea, variável e vinculada à realidade social, econômica, cultural, regional; ela é a soma de todas as variedades. A língua é todas as variedades.

formais de comunicação. Os documentos oficiais (leis, sentenças judiciais...), os livros e relatórios científicos, os contratos empresariais, as cartas comerciais, os discursos políticos, as solicitações de emprego... são exemplos de textos elaborados nessa variedade linguística.

Veja, abaixo, um exemplo de texto em que se emprega a **variedade padrão** da língua.

A minha paixão pelo futebol nasceu quando eu ainda era menino. A paixão de meu pai pelo esporte foi um estímulo fundamental. Desde cedo, eu o acompanhava ao estádio e assistia aos confrontos que lá ocorriam. Cada evento era como um daqueles raros presentes esperados ansiosamente, em que a sensação de euforia, no momento da entrega, não pode ser contida. [...]

Sócrates, médico e ex-jogador de futebol.
In: *Carta Capital*, n. 518, 22 out. 2008. p. 73.

Agora leia este diálogo entre um pai e um filho adolescente:

– Filhão, você anda meio desligado; precisa encarar com mais seriedade os estudos, senão, no fim do ano, você vai se dar mal.
– É mesmo, pai... tem razão... eu só tava dando um tempo; agora vou pegar firme, porque não quero passar sufoco que nem no ano passado.

Nesse texto, a situação de comunicação em que os dois interlocutores estão envolvidos é **informal**, por isso eles fazem uso de uma variedade linguística denominada **não padrão** (ou **popular**). Essa variedade, empregada pela maioria absoluta das pessoas em suas relações sociais do dia a dia, caracteriza-se pela despreocupação do falante com as inúmeras regras da gramática normativa – emprego de plurais, de concordâncias, de flexão dos verbos... – e pela presença frequente de expressões populares, de frases feitas e de gírias.

Fazendo uso da **variedade popular** é que nos comunicamos de maneira espontânea e informal com nossos familiares, vizinhos, colegas e amigos.

Os fatores que caracterizam e diferenciam essas duas variedades linguísticas – a **padrão** e a **não padrão** (ou **popular**) – são de natureza *sociocultural*, ou seja, são determinadas principalmente pelo nível de escolaridade do falante, pela sua faixa etária, pelas suas condições econômicas e pelo grupo social do qual ele faz parte. Os fatores não são, pois, de natureza linguística.

O que dizem os linguistas

Uma receita de bolo não é um bolo [...]. Também a gramática não é a língua.

A língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a **gramática normativa** é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada **norma culta**. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é *parcial* (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua [...].

Marcos Bagno. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 9.

S I N T E S E dos conteúdos estudados

■ As duas gramáticas

- **Gramática internalizada** – sistema de regras que constituem a estrutura de organização e funcionamento do idioma e que são assimiladas naturalmente – pela prática – por todos os falantes.
- **Gramática normativa** – teoria que, tomando como referência os usos tradicionais – “exemplares” – do idioma, descreve e propõe um sistema de normas e orientações para se falar/escrever em situações formais de comunicação.

■ Variedades linguísticas

- **Variedade padrão (normas urbanas de prestígio)** – variedade linguística usual em situações formais de comunicação e caracterizada pelo emprego de frases de estrutura mais complexa, pelo vocabulário mais elaborado (mais “sofisticado”) e pela observância às regras da gramática normativa.
- **Variedade não padrão (popular)** – variedade mais espontânea; empregada em situações informais e caracterizada pelo emprego de frases de estrutura mais simples, pela observância menos estrita, menos rígida das regras da gramática normativa, pelo vocabulário mais comum e pela presença de frases feitas e gírias.

t iv i d a d e s

IMPORTANTE
As respostas dos exercícios devem ser apresentadas NO CADERNO.

I. (UFPE) Considere a estrutura apresentada no quadro:

Para muito de preciso tempo estudar.

A análise dessa estrutura nos leva a concluir que:

- nossa língua tem a vantagem de nos permitir absoluta liberdade no arranjo que fazemos das palavras para expressar o que queremos dizer.
- para que nossos enunciados sejam compreendidos, devemos seguir uma certa ordem na colocação dos termos que selecionamos.
- a total flexibilidade na ordenação das palavras constitui uma das peculiaridades da língua portuguesa falada no Brasil.
- em língua portuguesa, frases inteligíveis são aquelas que obedecem rigorosamente a regras de colocação fixas e imutáveis.

Está(ão) correta(s):

- | | | |
|------------------|--------------------|--------------------|
| a) II apenas | c) I e III apenas | e) I, II, III e IV |
| b) I e II apenas | d) III e IV apenas | |

2. O trecho a seguir procura reproduzir, por meio da linguagem escrita, o depoimento de um senhor de 81 anos, morador solitário de uma caverna numa serra de Minas Gerais.

O que dexa a gente triste é ficá veio. A gente ansim é meio custoso, né? Tem que tê um ranchinho pra gente incostá, né? É triste andá ca mala na cacunda, quando vem a noitinha. A gente não sabe agardecê quanto é bão tê o ranchinho da gente, né? Nem qui seja piqueninho. Quando é di tardi, pricurá ele cumo um passarinho pricura o ninho. (Juca da Toca)

Suponha que alguém, depois de ler esse texto, dissesse o seguinte: esse homem não sabe falar; ele comete muitos erros de português porque não sabe gramática. Você concordaria com a análise dessa pessoa? Justifique.

3. Leia este poema:

Aula de português

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. © Graña Drummond.
<www.carlosdrummond.com.br>
Poesia e prosa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1988. p. 646-7.

Em relação ao texto, responda aos itens a seguir:

a) A que variedade linguística fazem referência as estrofes 1 e 4? E as estrofes 2 e 3? Justifique sua resposta com passagens das próprias estrofes.

b) De acordo com o *Dicionário Houaiss*, a palavra **esquipático** talvez tenha surgido da junção das palavras **esquisito** e **antipático**. Considerando essa possibilidade, estabeleça uma relação entre **esquipáticas** (verso 11) e o conteúdo da 3ª estrofe.

c) Explique o último verso do poema: "O português são dois; o outro, mistério."

4. (Enem-MEC) No romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, o vaqueiro Fabiano encontra-se com o patrão para receber o salário. Eis parte da cena:

Não se conformou: devia haver engano. [...] Com certeza havia um erro no papel do branco. Não descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria? O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 91. ed.
Rio de Janeiro: Record, 2003.

No fragmento transcrito, o padrão formal da linguagem convive com marcas de regionalismo e de coloquialismo no vocabulário. Pertence à variedade do padrão formal da linguagem o seguinte trecho:

a) "Não se conformou: devia haver engano"

b) "[...] e Fabiano perdeu os estribos"

c) "Passar a vida inteira assim no toco"

d) "entregando o que era dele de mão beijada!"

e) "Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou"

5. No exercício anterior, você identificou a alternativa em que a passagem faz parte do padrão formal do idioma.

a) Levando em consideração o sentido geral do trecho, procure explicar, por escrito e usando a variedade padrão, o sentido das passagens transcritas nas outras quatro alternativas.

b) Na sua opinião, quais passagens têm mais força expressiva: as que aparecem no texto original ou as que você empregou no item a? Justifique sua resposta.

Adequação e inadequação linguística

Quando uma pessoa se comunica com outra(s), para que esse ato se realize com eficiência, é necessário que ela seja capaz de fazer a **adequação** da linguagem à situação de comunicação.

Veja, por exemplo, esta tira humorística:



Recruta Zero, de Mort Walker. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º out. 2004.

No segundo quadrinho, o falante empregou a variedade padrão da língua, escolhendo palavras que seu ouvinte não conhecia; ou seja, esse falante não “ajustou”, não **adequou** sua linguagem ao seu interlocutor. Isso impediu que o cozinheiro entendesse a pergunta.

É interessante notar que, nesse **contexto**, podem ser feitas duas “leituras” para explicar a inadequação:

1ª hipótese – O falante foi incapaz de adequar a linguagem ao ouvinte; ele não teve habilidade linguística para perceber que, ao fazer a pergunta ao cozinheiro, deveria ter usado a variedade popular da língua, falando de um modo mais simples. Assim, por exemplo: “*Quem foi o indivíduo nocivo que preparou essa massa podre e nojenta?*” ou de uma forma mais simples ainda: “*Quem foi o maluco que fez essa porcaria?*”.

2ª hipótese – O falante estava indignado com a péssima qualidade da comida, mas, para evitar confusão, ele, **intencionalmente**, construiu a frase de modo que o cozinheiro não a entendesse mesmo. Nessa hipótese, ele teria usado a frase apenas para desabafar sua irritação.

Atenção!

Contexto

É a situação particular em que ocorre o ato de comunicação. O contexto é formado por **elementos linguísticos** (o discurso) combinados a **elementos não linguísticos** (o local, o assunto, o número de interlocutores, as relações pessoais, sociais e/ou profissionais entre eles...).

Fatores que influenciam a adequação

Os **atos de comunicação** têm finalidades variadíssimas e realizam-se nas mais diferentes circunstâncias, por isso são também muito variados os elementos contextuais que influem na maneira como a linguagem deve ser ajustada à situação de comunicação.

Há, por exemplo, situações em que a relação entre os interlocutores é descontraída, pessoal; nesses casos é mais adequado o emprego de uma linguagem mais popular. Outras vezes, quando a relação entre eles é mais formal, impessoal, é mais pertinente o emprego da variedade padrão da língua.

Dentre os fatores que influenciam a adequação, destacam-se:

- o **interlocutor** – não se fala do mesmo modo com um adulto e com uma criança, por exemplo.
- o **assunto** – referir-se à morte de uma pessoa amiga requer uma linguagem diferente da usada para lamentar a derrota do time de futebol.
- o **ambiente** – não se fala do mesmo jeito em um templo religioso e em uma festa com amigos.
- a **relação falante-ouvinte** – não se fala da mesma maneira com um amigo e com um estranho; em uma circunstância formal e em uma informal.
- o **efeito pretendido** (intencionalidade) – para se fazer um elogio ou um agradecimento, fala-se de um jeito; para ofender, chocar ou ironizar alguém, usam-se outras formas de expressão.

Esses fatores sempre estão presentes em conjunto e levá-los em conta é fundamental para que o ato de comunicação tenha a eficiência desejada.

O que dizem os linguistas

A linguagem não é usada apenas em sua função referencial, ou seja, apenas para transmitir informações. Uma das outras funções da linguagem é a de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem "ouvidas", às vezes para serem respeitadas e também para exercer influência no ambiente em que realizam seus atos linguísticos.

As "regras de linguagem" levam em conta as relações sociais entre os interlocutores. Todo falante tem que agir de acordo com essas regras, isto é, tem que "saber": a) quando pode falar e quando não pode; b) que tipo de "assuntos" podem ser abordados; c) que variedade linguística é conveniente empregar.

Fonte de pesquisa: Maurizio Gnerre. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 3-4.

Atividades

IMPORTANTE
As respostas dos exercícios devem ser apresentadas NO CADERNO.

1. Leia esta tira humorística:



a) Considerando que **lúdico** é uma palavra referente a "jogo, diversão, brincadeira", responda: a forma de se expressar empregada por Lúcio no último quadrinho é adequada ao contexto do diálogo? Justifique.

b) Identifique qual situação a seguir corresponde ao comportamento linguístico de Lúcio no último quadrinho. Transcreva-a.

- Comparecer, usando bermuda e chinelos, a uma audiência com um promotor de justiça.
- Comparecer, usando terno e gravata, a uma audiência com um promotor de justiça.
- Ir à praia usando terno e gravata.
- Ir à praia sem camisa, de bermuda e descalço.
- Ir a um baile de gala usando camiseta, bermuda e chinelos.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL

2. Um ato de comunicação se realiza com mais eficiência quando o falante é capaz de adequar sua linguagem ao **contexto**. Identifique, nas situações abaixo, o(s) caso(s) em que ocorre inadequação linguística.

a) Em uma solenidade de formatura, um orador fazendo um discurso:

– Tô feliz pra caramba de ver essa moçada fatu-
rando esse diploma depois de ter dado o sangue e
ficado com o nariz enterrado nos livros tanto tem-
po que nem dá pra saber direito.

b) Em uma solenidade de formatura, um orador fazendo um discurso:

– É indescritível minha satisfação ao ver esses jo-
vens atingindo uma meta pela qual despenderam
tantos esforços e incontáveis horas de dedicação
aos estudos.

c) Um médico, explicando o grave estado de saúde de uma paciente aos familiares dela:

– Acho que essa não tem mais jeito não, viu pes-
soal... essa já era!

d) Em uma entrevista, uma especialista em educação diz:

– A sociedade tem o direito e o dever de parti-
cipar da vida da escola, exigindo do poder público
empenho persistente na melhoria da qualidade do
ensino, porque essa melhoria reverte-se, obviamen-
te, em benefício da própria sociedade.

e) Em um debate político na televisão, um candidato a prefeito diz, a respeito de seu adversário:

– Se esse cara aí faturar a eleição, vai ser a maior
fria pro povo; todo mundo lembra que, da outra
vez que ele foi prefeito, só fez besteiras e afundou
a cidade em dívidas.

Noções de variação linguística

Introdução

Os trechos a seguir procuram reproduzir a fala de diferentes pessoas em diferentes situações de comunicação. Tente identificar, pela linguagem utilizada, pelo menos uma característica do falante: faixa etária, nível de escolaridade, sexo, lugar em que vive, se vive na atualidade ou viveu em uma época passada.

Texto ①



PhotoDisc/Getty Images

Nem te conto, querida!!! Eu estava passando em frente daquela loja que eu adoro e vi uma blusinha assim... linda... toda bordadinha à mão... azulzinha... sabe... do jeito que eu gosto. Ah... entrei e comprei na hora... fiz um gasticídio! Ah! Mas eu mereço, né?

PARA QUE SABER?

Ter consciência de que a língua apresenta variações ajuda você a se comunicar de maneira adequada e eficiente nas diferentes situações de interlocução orais ou escritas; ajuda-o também a deixar de lado possíveis preconceitos linguísticos e, assim, respeitar "maneiras de falar" diferentes da sua.

Texto ②

Snôr
 posto que o capitam moor desta
 vossa frota e asy os outros capitaães
 screpuam a vossa alteza a noua do
 acha mento desta vossa terra noua
 que se ora neesta naue gaçom achou,
 nom leixarey tambem de dar disso
 minha comta a vossa alteza [...]

Extraído do site:
 <<http://pt.wikisource.org>>

Texto ③

[...]
 Quando eu entro no salão
 Com minha viola afinada,
 Eu canto uma moda arta
 E muito bem expricada,
 Dizeno que eu não insurto
 Mas topo quarqué parada.
 [...]

Oscar Martins e Rubens Vieira
 Marques. Pé cascudo. In: Som da
 Terra - Vieira e Vieirinha. Warner
 Music Brasil, 1994.

Texto ④

Você é baiano se achar compreensível este diálogo, numa esquina do Curuzu:

- Colé de mermo, broder?
- É niúma!!!
- Vô pro reggae, tá ligado? ... Vô cumê água com os cara!!
- Vá nessa, véi!
- Falô, maluco.

Fonte de pesquisa: <<http://formatohibrido.zip.net>>. Acesso em: 11 out. 2008.

Texto ⑤

[...] [O poema "Lisboa: aventura"] eu o escrevi por ocasião de minha primeira viagem a Portugal, quando me diverti com as discrepâncias vocabulares entre o falar brasileiro e o lusitano. Explorei caricaturalmente essas discrepâncias sob a égide alusiva da "Canção do exílio", de Gonçalves Dias [...]

Extraído do site: <www.jornaldepoesia.jor.br>
Acesso em: 16 fev. 2009.

Todas essas pessoas se expressaram em português. No entanto, comparando os trechos, fica evidente que elas não utilizaram a língua portuguesa de maneira uniforme, ou seja, uma não falou "igual" à outra. Essas diferenças ocorrem porque existe um grande número de fatores (idade, grupo social, situação de comunicação, assunto, época...) que, combinados uns aos outros, determinam a maneira individual de expressão dos falantes. Dizemos, por isso, que em um idioma ocorrem **variações linguísticas**.

De maneira bastante simplificada, podemos considerar a existência de quatro tipos gerais de variação, conforme mostra o quadro:

| Tipo | Aspecto ao qual se relaciona |
|------------------------|---|
| Variação sociocultural | idade, sexo, escolaridade, condições econômicas do falante e grupo social do qual ele faz parte |
| Variação histórica | tempo (época) em que o falante vive |
| Variação geográfica | região em que o falante vive |
| Variação situacional | situação específica em que se realiza o ato de comunicação |

Variação sociocultural

Compare estas duas frases:

- **Frase 1** Eles não tinha mais grana pra bancá as prestação.
- **Frase 2** Eles não tinham mais dinheiro para pagar as prestações.

Que falantes usualmente empregariam a frase 1? E a 2?

Não é difícil associar a frase 1 a falantes que fazem parte de grupos sociais economicamente mais pobres e de nível de escolaridade mais baixo.

Por outro lado, a frase 2 é mais comum àqueles que tiveram melhores possibilidades sociais e econômicas e, por isso, frequentaram por mais tempo a escola, puderam ter mais contato com a leitura de livros, jornais e revistas e também conviveram com pessoas de nível cultural formal mais elevado.

Há uma grande diferença se fala um deus ou um herói; se um velho amadurecido ou um jovem impetuoso na flor da idade; se uma matrona autoritária ou uma ama dedicada; se um mercador errante ou um lavrador de pequeno campo fértil [...]

Horácio, poeta romano que viveu na época de Cristo. In: Dino Preti. *Sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 7.

Além do nível de escolaridade, existem vários outros aspectos que também caracterizam a linguagem dos diferentes usuários da língua. Ao ler, por exemplo, o **Texto 1**, pág. 223, você deve ter percebido que o falante é uma mulher; por sua vez o **Texto 4**, pág. 224, é característico da variedade empregada por determinados grupos de jovens urbanos.

Essas variações na linguagem, geradas por influência das *condições sociais e culturais dos falantes*, recebem o nome geral de **variações socioculturais**.

Variação histórica

O quadro 1, abaixo, apresenta os versos iniciais de um poema, em sua redação original; o quadro 2 mostra uma versão atualizada desses mesmos versos. Leia-os e compare:

1. Cantiga da Ribeirinha

No mundo non me sei parelha,
mentre me for como me vai,
ca já moiro por vós – e ai!
mia senhor branca e vermelha,
[...]

Paio Soares de Taveirós. In: Massaud Moisés. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1968. p. 16.

2. Cantiga da Ribeirinha

No mundo não conheço quem se compare a mim
enquanto eu viver como vivo,
pois eu morro por vós – ai!
pálida senhora de face rosada,

E então? Você estranhou o texto do quadro 1? Acontece que era assim mesmo que se escrevia por volta de 1200, época em que foi composto esse poema, que é considerado o primeiro texto literário escrito em português.

De lá para cá, nosso idioma, como é natural, foi mudando ao longo do tempo.

Agora, observe, ao lado, a capa de uma revista de atualidade. Nela há uma palavra que a língua portuguesa emprestou do inglês: *jogging*. Essa palavra, que significa “caminhada”, “corrida leve”, já faz parte do vocabulário de muitas pessoas.

Ainda na capa da revista, há a palavra **deletando**, que, também originária do idioma inglês, foi aportuguesada e já faz parte do vocabulário oficial de nosso idioma. Em inglês, *to delete* significa “apagar”; **deletando** significa, portanto, “apagando”.

É claro que a língua portuguesa, ao incorporar palavras de outros idiomas, não está sendo “apagada/deletada”; na verdade, ela está crescendo, ganhando novas palavras, o que a torna mais rica em suas possibilidades de expressão.

A língua, portanto, não é estática, imutável. Ao contrário, ela se modifica com o passar do tempo e com o uso. As formas de falar se alteram; mudam-se as palavras, a grafia, as formas de estruturar as frases e, muitas vezes, o significado das palavras.

Essas alterações que vão ocorrendo na língua ao longo do tempo recebem o nome de **variações históricas**.

Veja mais este exemplo de variação da língua no tempo:



Aline, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 31 ago. 2000.

O emprego das palavras **vosmecê** e **parvoíce** (besteira), que estão totalmente fora de uso hoje em dia, evidencia que o personagem realmente é mais velho (bem mais velho...) que a filha do outro personagem.

Fique atento!

Neologismos e arcaísmos

Ao longo do tempo, muitas palavras da língua vão deixando de ser usadas e outras, por conta dos avanços sociais, científicos..., vão sendo incorporadas ao idioma.

As palavras antigas, como *vosmecê*, por exemplo, denominam-se **arcaísmos**; as novas, como *deletar*, denominam-se **neologismos**.



Revista Correo Popular, 12 mar. 2000

Variação geográfica

Considere a fala dos personagens destas imagens:

XAXADO / Antonio Cedraz



Edgard Vasques, *O Analfabeta de Bagé*
e em *Quadrinhos*, de Edgard Vasques e
Luís Fernando Veríssimo

As expressões “meu rei” e “índio velho” são empregadas para tratar o interlocutor de maneira informal e amigável, afetiva. Embora sejam equivalentes, elas são usadas em lugares distintos do país: “meu rei” é típica da Bahia, principalmente da região metropolitana de Salvador; “índio velho” é empregada no Rio Grande do Sul.

No trecho de texto abaixo, Mário de Andrade, um de nossos escritores mais importantes, expõe seu ponto de vista a respeito dos diferentes “jeitos de falar” dos brasileiros.

Noturno de Belo Horizonte

[...]

Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?
Que tem si o quinhentos réis meridional
Vira cinco tostões do Rio pro norte?
Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas,
Brasil, nome de vegetal!...

Mário de Andrade. *Poesias completas*.
Belo Horizonte/São Paulo:
Itatiaia/Edusp, 1987. p. 188-9.

De região para região do país, observam-se formas distintas de falar. É usual dizermos que os paulistas falam de um jeito, os cariocas de outro, os mineiros de outro... Essas variações podem ser identificadas na pronúncia (sotaque nordestino, paulista, mineiro...), no vocabulário, bem como em certas estruturas de frases e em sentidos particulares atribuídos a determinadas palavras e expressões.

A esses tipos de diferenças na língua dá-se o nome de **variações geográficas**.

Variação situacional

Suponha que um jovem advogado, em um tribunal do júri, diga o seguinte a respeito de uma testemunha que acabou de ser ouvida pelos jurados:



Esse falante se expressou adequadamente, uma vez que empregou o **padrão formal** de linguagem, em uma **situação formal** de comunicação. Se, no entanto, ele estivesse batendo um papo com uns amigos a respeito do mesmo fato, ele poderia expressar-se assim:



Nesse caso, ele estaria se comunicando em uma **situação informal**, usando, adequadamente, a **variedade popular** da língua.

Essas diferentes formas de uso do idioma por *um mesmo falante*, em *diferentes situações de comunicação*, denominam-se **variações situacionais**.

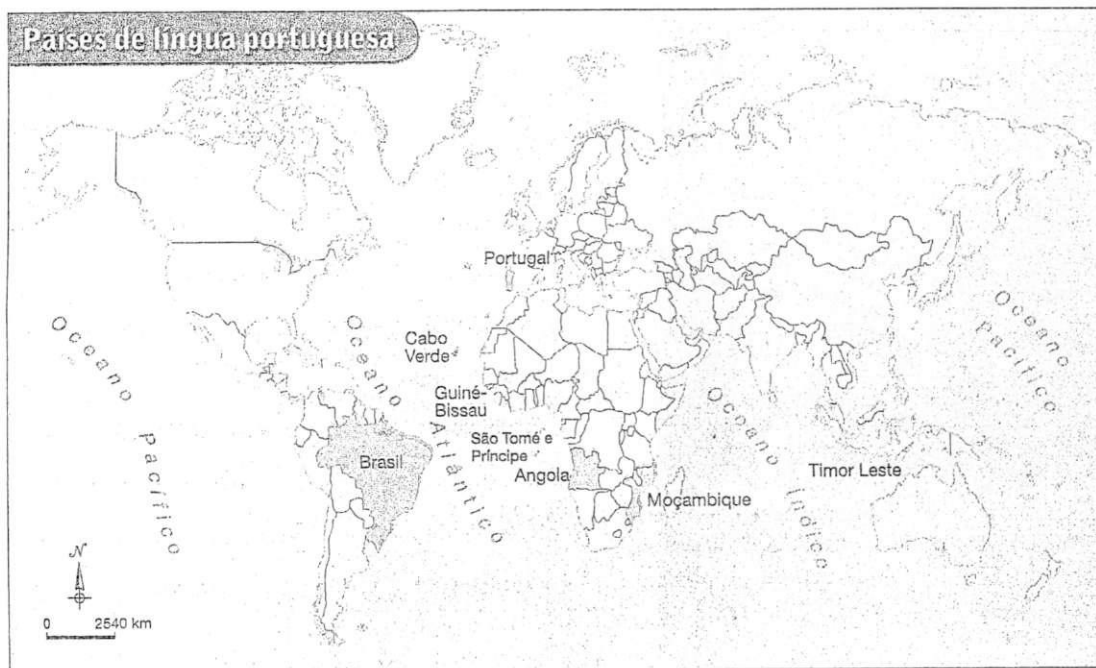
Origens e geografia da língua portuguesa

O português teve origem no latim, por isso é chamado de língua neolatina. Na Roma antiga, sede do poderoso império romano, eram faladas duas variedades de latim: o *latim vulgar* (língua falada espontaneamente pelo povo) e o *latim literário* (usada pelos escritores, legisladores e demais pessoas cultas da época).

O império romano, durante séculos, pôs em prática uma política de expansão territorial. Quando dominavam um povo, os romanos levavam para a nova região conquistada seus costumes, suas leis e também sua língua. Como a língua falada no cotidiano era o latim vulgar, essa variedade, com o passar do tempo, misturava-se à língua local, dando origem a uma língua um pouco diferente, que já não era mais o latim.

Foi isso que aconteceu na Península Ibérica (onde hoje ficam Portugal e parte da Espanha) entre o século II a.C. e o século V d.C., período durante o qual os romanos ocuparam a região e dominaram os celtiberos e alguns outros povos que lá viviam. A língua resultante da fusão do latim vulgar com o idioma dos celtiberos foi se modificando e, mais tarde, recebeu influências de idiomas de povos bárbaros e árabes que, depois dos romanos, também dominaram a Península. Aos poucos, essa língua foi se transformando na língua portuguesa.

Muitos séculos depois, quando Portugal se tornou um império marítimo, a língua portuguesa espalhou-se pelo mundo. Atualmente, o português é o idioma oficial de oito países: Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Brasil, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Timor Leste.



Regina Vasconcelos e Ailton P. Alves Filho. *Atlas geográfico ilustrado e comentado*. São Paulo: FTD, 1999.

O português de Portugal e o português brasileiro

Suponha que você esteja a passeio em Portugal, hospedado na casa de uma família portuguesa. Certa manhã, a dona da casa, antes de sair para um compromisso, diz a você:

– A Ritinha ainda está a dormir. Quando ela acordar, faz-me um favor: pega-a na cama, põe-lhe uma camisola, dá-lhe um copo de leite e lê para ela uma banda desenhada. Se quiseres falar-me, use o telemóvel.

O que dizem os linguistas

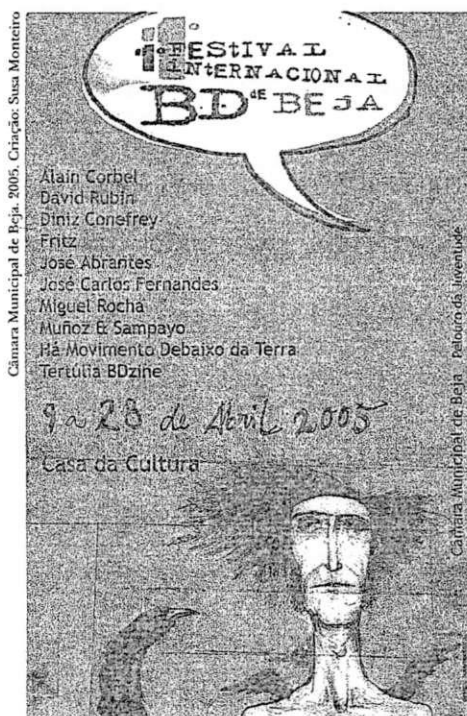
Do ponto de vista linguístico [...] a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas [...] preferem usar o termo **português brasileiro**, por ser mais claro e marcar bem essa diferença.

Marcos Bagno. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 24.

E então? O que você faria quando a Ritinha acordasse?

Brasil e Portugal têm, oficialmente, o mesmo idioma. No entanto, muitas vezes, não é fácil entender o que os portugueses falam. As diferenças são nítidas em todos os aspectos: na pronúncia, no vocabulário, no significado de determinadas palavras e expressões e, em parte, na estruturação sintática (organização) das frases.

No texto acima, por exemplo, podemos identificar as seguintes diferenças:



| Em Portugal | No Brasil |
|----------------------|------------------------|
| está a dormir | está dormindo |
| faz-me | me faz ou me faça |
| pega-a | pega-a ou pega ela |
| põe-lhe | põe/ponha nela |
| camisola | blusa |
| dá-lhe | dê/dá para ela |
| banda desenhada | história em quadrinhos |
| se quiseres falar-me | se quiser falar comigo |
| telemóvel | celular |

Cartaz do 1º Festival Internacional BD de Beja, promovido pela Câmara Municipal de Beja, Portugal, 2005.

SINTESE dos conteúdos estudados

■ Variações linguísticas

- **Variação sociocultural** – refere-se às diferenças linguísticas relacionadas aos inúmeros aspectos sociais e culturais característicos de cada falante: idade, profissão, sexo, formação escolar, grupo social, nível econômico...
- **Variação histórica** – relaciona-se às mudanças que, ao longo do tempo, vão acontecendo na língua, principalmente na grafia e em certas palavras e expressões do vocabulário.
- **Variação geográfica** – refere-se às diferenças no “modo de falar” das pessoas, dependendo do lugar ou região em que vivem.
- **Variação situacional** – relaciona-se às diferentes formas que o falante pode escolher para se comunicar, dependendo da situação de comunicação.

Atividades

IMPORTANTE
As respostas dos exercícios devem ser apresentadas NO CADERNO.

1. Identifique se os trechos a seguir são representativos de **variação geográfica, histórica, situacional** ou **sociocultural**. Transcreva alguns elementos do próprio texto que justifiquem sua resposta.

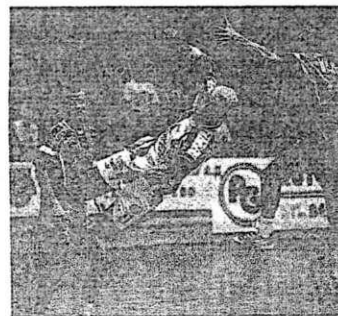
a) **XAXADO** / Antonio Cedraz



b)

Mats Olsson quer terminar a época a vencer no duplo confronto com a Suíça

O seleccionador de andebol masculino, o sueco Mats Olsson, explicou que quer terminar a ganhar a época 2007/08, marcada pelo falhanço na qualificação para o Mundial, no duplo confronto de jogos particulares com a Suíça.



Extraído do site: <www.acorianooriental.pt/desporto/view>. Acesso em: 23 out. 2008.



c)

Grammatica descriptiva é a que expõe os factos da lingua actual.

A grammatica descriptiva é **pratica** quando tem principalmente em vista ensinar a falar e a escrever correctamente; é **scientifica** quando procura esclarecer varios factos á luz da sciencia da linguagem e da grammatica historica.

M. Said Ali. *Grammatica secundaria da lingua portugueza*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo. p. 5.

2. (Enem-MEC) Leia o texto:

Depois de um bom jantar: feijão com carne-seca, orelha de porco e couve com angu, arroz mole engordurado, carne de vento assada no espeto, torresmo enxuto de tocinho da barriga, viradinho de milho verde e um prato de caldo de couve, jantar encerrado por um prato fundo de canjica com torrões de açúcar, Nhô Tomé saboreou o café forte e se estendeu na rede. A mão direita sob a cabeça, à guisa de travesseiro, [...] ficou-se de pança para o ar, modorrento, a olhar para as ripas do telhado.

Quem come e não deita, a comida não aproveita, pensava Nhô Tomé... E pôs-se a cochilar. A sua modorra durou pouco; Tia Policena, ao passar pela sala, bradou assombrada:

– Êêh! Sinhô! Vai drumi agora? Não! Num presta... Dá pisadêra e pôde morrê de ataque de cabeça! Depois do armoço num far-má... mais depois da janta?!

Cornélio Pires. *Conversas ao pé do fogo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

Nesse trecho, extraído de texto publicado originalmente em 1921, o narrador:

- a) apresenta, sem explicitar juízos de valor, costumes da época, descrevendo os pratos servidos no jantar e a atitude de Nhô Tomé e de Tia Policena.
- b) desvaloriza a norma culta da língua porque incorpora à narrativa usos próprios da linguagem regional das personagens.
- c) condena os hábitos descritos, dando voz a Tia Policena, que tenta impedir Nhô Tomé de deitar-se após as refeições.
- d) utiliza a diversidade sociocultural e linguística para demonstrar seu desrespeito às populações das zonas rurais do início do século XX.
- e) manifesta preconceito em relação a Tia Policena ao transcrever a fala dela com os erros próprios da região.



c)

Grammatica descriptiva é a que expõe os factos da lingua actual.

A grammatica descriptiva é **pratica** quando tem principalmente em vista ensinar a falar e a escrever correctamente; é **scientific**a quando procura esclarecer varios factos á luz da sciencia da linguagem e da grammatica historica.

M. Said Ali. *Grammatica secundaria da lingua portugueza*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo. p. 5.

2. (Enem-MEC) Leia o texto:

Depois de um bom jantar: feijão com carne-seca, orelha de porco e couve com angu, arroz mole engordurado, carne de vento assada no espeto, torresmo enxuto de toicinho da barriga, viradinho de milho verde e um prato de caldo de couve, jantar encerrado por um prato fundo de canjica com torrões de açúcar, Nhô Tomé saboreou o café forte e se estendeu na rede. A mão direita sob a cabeça, à guisa de travesseiro, [...] ficou-se de pança para o ar, modorrento, a olhar para as ripas do telhado.

Quem come e não deita, a comida não aproveita, pensava Nhô Tomé... E pôs-se a cochilar. A sua modorra durou pouco; Tia Policena, ao passar pela sala, bradou assombrada:

– Êêh! Sinhô! Vai drumi agora? Não! Num presta... Dá pisadêra e póde Morrê de ataque de cabeça! Depois do armoço num far-má... mais depois da janta?!

Cornélio Pires. *Conversas ao pé do fogo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

Nesse trecho, extraído de texto publicado originalmente em 1921, o narrador:

- a) apresenta, sem explicitar juízos de valor, costumes da época, descrevendo os pratos servidos no jantar e a atitude de Nhô Tomé e de Tia Policena.
- b) desvaloriza a norma culta da língua porque incorpora à narrativa usos próprios da linguagem regional das personagens.
- c) condena os hábitos descritos, dando voz a Tia Policena, que tenta impedir Nhô Tomé de deitar-se após as refeições.
- d) utiliza a diversidade sociocultural e linguística para demonstrar seu desrespeito às populações das zonas rurais do início do século XX.
- e) manifesta preconceito em relação a Tia Policena ao transcrever a fala dela com os erros próprios da região.

3. Leia este trecho de crônica:

Nossa língua brasileira

Fui dar um passeio por Rondônia. Lá pelas tantas, comecei a perceber que não estava entendendo a conversa do povo. Eu, que falo o português do centro-oeste mineiro, achei toada na fala da região. Cheguei numa beira de porto e pus sentido na prosa em redor. Decorei alguma coisa, que divido agora com o leitor. [...] Eis meu relato:

O regatão saltou do alvarenga onde estava morcegando e berrou:

– Açáí, cajarana, cupuaçu e pupunha! Loção contra carapanã, mucuim, mutuca e pium. Vai levar, patrão? [...]

Procurei um táxi, mas desanimei ao ouvir o informante dizer:

– Aqui, BK é só pra quem tá bamburrado. Tu tá?

E saiu rindo, apontando para mim e falando:

– Brabo aqui vai de catraia! [...]

Logo que pude, abri buraqueira (fugi) para não ser forçado a fazer uso de uma assistência (ambulância) com destino a um hospício; nem para ser submetido a um baculejo (revista policial). Claro! Do jeito que fiquei, talvez pensassem que eu estava bodado (maluco) [...]. Logo eu, que sou tão virado (trabalhador)!

É uma faceta (epa!) da nossa língua... brasileira ou portuguesa?

Wilson Liberato. *O Pergaminho*, 21 out. 2000.

a) O autor esclarece o significado de algumas das palavras que utiliza, mas não explica o significado de **regatão**, **alvarenga**, **morcegar**, **bamburrado**, **brabo** e **catraia**.

* Qual dessas palavras significa "vendedor que usa barco para percorrer uma região"?

* Considerando que **bamburrar** significa, originalmente, "fazer fortuna repentina no garimpo", explique a frase "Aqui, BK é só pra quem tá bamburrado".

* Duas das palavras referidas acima significam "canoa, pequena embarcação". Quais são elas?

* Considerando as respostas aos dois itens anteriores, explique o que o falante quis dizer com "Brabo aqui vai de catraia!".

b) Nesse texto, o autor emprega várias palavras e expressões próprias de uma determinada variedade da língua portuguesa. Esses elementos linguísticos são exemplos de variação histórica, situacional, geográfica ou sociocultural? Justifique.

4. (UFG-GO) Leia o texto abaixo:

Uma mensagem comum em *fotologs*...

Oiiiii... td bemmm galera!?! espero q sim...
essa fotin eh um pokito antigs, mas como eu
xonei nelaaa to postandu... pra qm naum co-
nhece, esse eh meu cafofo, moh lindu, fla se-
riu!! Ahuahuaha. Essa semana foi xuper can-
sativa, altas provas e talz... nd + a declarar...
huhu...

Lunch entre amigonasss, tarde sussa...
=> dps preciso de ajuda nakele post special
das p.i's*. dessa semana gnt!! Hauhauha...
Aguardem!! grd bjooo...

Folha de S.Paulo, São Paulo,
24 abr. 2005. p. C6.

* p.i's: piadas internas

Pode-se dizer, a respeito da constituição textual em "Uma mensagem comum em *fotologs*" que se trata de:

a) um tipo discursivo cuja estruturação recruta elementos de textos mais formais, como se vê na afirmação "nd + a declarar".

b) formas linguísticas que atestam a velocidade das mudanças sofridas pela língua escrita padrão, como no caso do diminutivo "fotin".

c) um vocabulário restrito aos jovens, cuja composição remete a um único campo semântico, como em "galera", "amigonasss" e "gnt".

Fique atento!

Campo semântico

É todo conjunto constituído por palavras ou expressões que, em função do contexto, têm em comum o mesmo significado geral. Exemplos: "morrer", "bater as botas", "falecer", "findar", "descansar", "vestir o paletó de madeira" e "encontrar-se com Deus" fazem parte do mesmo **campo semântico**.

d) sequências de orações sem valor referencial, como se pode observar em expressões do tipo "xonei nelaaa to postandu..."

e) um padrão de organização segundo normas da língua falada e recursos da escrita, como a segmentação das palavras em "moh lindu, fla seriu!!".

Therêza Cochar Magalhães

WILLIAM ROBERTO CEREM
Therêza Cochar Magalhães

PORTUGUÊS

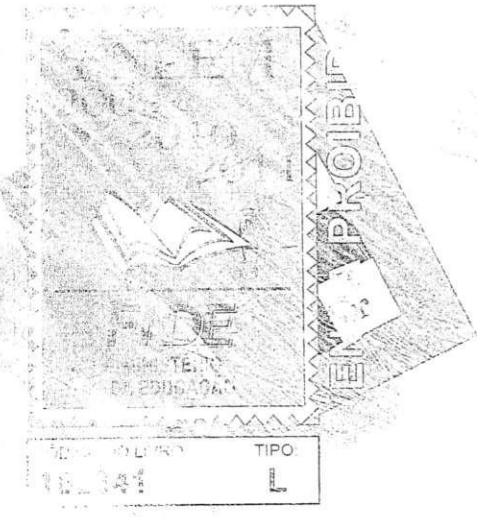
Linguagens

LITERATURA - PRODUÇÃO DE TEXTO - GRAMÁTICA

Linguagens

1ª série

RA



Português
COLEÇÃO

1ª série

LIVROS CONSUMÍVEIS



© William Roberto Cereja
Thereza Cochar Magalhães

Copyright desta edição:

SARAIVA S.A. Livrários Editores, São Paulo, 2008.
Av. Marquês de São Vicente, 1697 – Barra Funda
01139-904 – São Paulo – SP
Fone: (0xx11) 3613-3000
Fax: (0xx11) 3611-3308 – Fax vendas: (0xx11) 3611-3268
www.editorasaraiva.com.br
Todos os direitos reservados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cereja, William Roberto
Português : linguagens : volume 1 : ensino médio / William Roberto Cereja,
Thereza Cochar Magalhães. — 5. ed. — São Paulo : Atual, 2005.

Edição não-consumível.
Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN 978-85-357-0564-5 (aluno)
ISBN 978-85-357-0563-8 (professor)

1. Linguagem e línguas (Ensino médio) 2. Literatura (Ensino médio)
3. Português (Ensino médio) 4. Textos (Ensino médio) I. Magalhães, Thereza
Cochar. II. Título.

05-3106

CDD-469.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem : Ensino médio 469.07
2. Português : Ensino médio 469.07

Português: linguagens
Volume 1

Gerente editorial: Wilson Roberto Gambeta
Editor: Noé G. Ribeiro

Assistente editorial: Adriana Vilar dos Santos
Preparação de texto: Célia Tavares

Revisão: Pedro Cunha Jr. (coord.) / Elza Gasparotto / Cecília Kinker
Célia Camargo / Renato Colombo Jr.
Camila Santana / Edilene Santos

Pesquisa iconográfica: Cristina Akisino (coord.)
Emerson C. Santos / Adriana Abrão

Gerente de arte: Nair de Medeiros Barbosa
Assistente de produção: Grace Alves
Supervisor de arte: José Maria de Oliveira
Coordenação eletrônica: Sílvia E. Almeida

Colaboradores

Projeto gráfico e diagramação: Ulhôa Cintra Comunicação Visual e Arquitetura S/C Ltda.
Capa: Gislaíne Ribeiro

Ilustrações: Celina Gusmão / Denise Rochael / Fê / Lúcia Hiratsuca
Natália Forcat e Sabine Witte Segall

Impressão e acabamento: Esdeva Indústria Gráfica

Visite nosso site: www.atualeditora.com.br
Central de atendimento ao professor: (0xx11) 3613-3030

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE**
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL

Linguagem, comunicação e interação

Construindo o conceito

Leia esta tira, de Luis Fernando Verissimo:



by Luis Fernando Verissimo

(As aventuras da família Brasil. Porto Alegre: L&PM, 1993. parte 2, p. 29.)

1. A tira cria humor a partir de uma situação que retrata as novas formas de relacionamento amoroso e familiar nos tempos de hoje. Que novidade existe no comunicado que a filha faz à família?
2. A fala da moça provoca uma reação no namorado. O que ele faz e fala como reação ao que ela disse?
3. Compare as falas do rapaz e do pai da moça ao se cumprimentarem. A fala do pai surpreende e causa humor.
 - a) O que é esperado que o pai da moça dissesse nesse momento?
 - b) Considerando que o namorado da filha vai morar com a família e que o apelido dele é Boca, que sentido tem a fala do pai da moça nessa situação?

Conceituando

Na situação retratada pela tira, as pessoas se comunicam e interagem entre si, ou seja, o que uma pessoa diz acaba provocando uma reação na outra pessoa, e vice-versa. O trocadilho que o pai faz é responsável pelo humor da tira. Contrapondo *Boca* a *bolso*, o pai dá a entender que vai ter de arcar com as despesas de mais uma boca, a do genro.

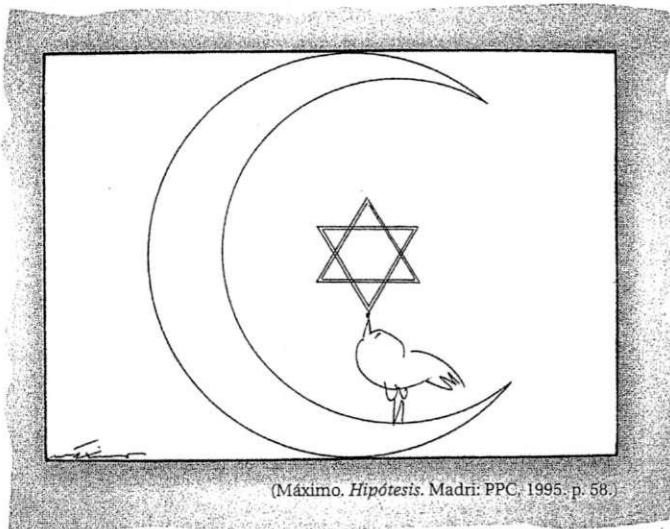
Entre a filha e o pai, ou entre o sogro e o genro, houve comunicação, pois, além de as pessoas se compreenderem, elas também *interagem*, ou seja, o que uma pessoa diz interfere no comportamento da outra.

Assim:

A **comunicação** ocorre quando interagimos com outras pessoas utilizando linguagem.

Para se comunicar, as personagens da tira não utilizam apenas a linguagem verbal, isto é, as palavras. Elas também gesticulam, se movimentam, fazem expressões corporais e faciais. Tudo isso — palavras, gestos, movimentos, expressões corporais e faciais — é linguagem.

Linguagem é um processo comunicativo pelo qual as pessoas interagem entre si.



Além da **linguagem verbal**, cuja unidade básica é a palavra (falada ou escrita), existem também as **linguagens não verbais**, como a música, a dança, a mímica, a pintura, a fotografia, a escultura, etc., que possuem outros tipos de unidade — o gesto, o movimento, a imagem, etc. Há, ainda, as **linguagens mistas**, como as histórias em quadrinho, o cinema, o teatro e os programas de TV, que podem reunir diferentes linguagens, como o desenho, a palavra, o figurino, a música, o cenário, etc.

Veja como o cartunista espanhol Máximo, explorando a linguagem não verbal, sugere a paz (representada pela pomba) entre israelenses (representados pela estrela-de-davi) e os muçulmanos (representados pela lua minguante).

Mais recentemente, com o aparecimento da informática, surgiu também a **linguagem digital**, que, valendo-se da combinação de números, permite armazenar e transmitir informações em meios eletrônicos.

Na tira lida, os participantes se *inter-relacionam* e *interagem* por meio da linguagem. A filha, ao apresentar o namorado, provoca nele a reação de se apressar em estender o braço e dizer seu apelido. Diante da fala do rapaz, o pai da moça também estende o braço e, ironicamente, responde: "Prazer. Bolso". Assim, pode-se dizer que a comunicação nascida da interação entre essas pessoas foi construída solidariamente por elas, que são **interlocutores** no processo comunicativo.

Interlocutores são as pessoas que participam do processo de interação por meio da linguagem.

Aquele que produz a linguagem — aquele que fala, que pinta, que compõe uma música, que dança — é chamado de **locutor**, e aquele que recebe a linguagem é chamado de **locutário**. No processo de comunicação e interação, ambos são **interlocutores**.

O código

Na tira lida, as pessoas se comunicaram fazendo uso da língua portuguesa. A língua portuguesa é um código verbal. Código é uma convenção, estabelecida por um grupo de pessoas ou por toda a comunidade, que permite a construção e a transmissão de mensagens. Além da palavra, oral e escrita, também são códigos os sinais de trânsito, os símbolos, o código Morse, as buzinas dos automóveis, etc.

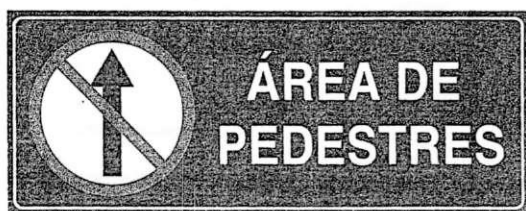
Código é um conjunto de sinais convencionados socialmente para a construção e a transmissão de mensagens.

Os códigos são muito utilizados quando há necessidade de informar e comunicar com rapidez. Por essa razão, é comum haver códigos na rua, no trânsito, em rodoviárias, aeroportos, *shopping centers*, etc. Em guias de viagem, por exemplo, um conjunto de símbolos compõe um código que agiliza a apresentação das cidades, de hotéis, restaurantes e atrações turísticas.

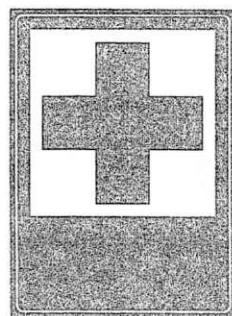
Exercícios

7. Leia os textos a seguir e indique o tipo de linguagem utilizado em cada um deles: verbal, não verbal ou mista.

a)



b)



2. Leia este cartum, de Quino:



(*Bien, gracias. Y'usted?*, Barcelona: Lúmen, 1985. p. 42.)

O cartum satiriza o hábito de alguns caminhoneiros de colocar mensagens na parte traseira do caminhão.

- Que tipo de ameaça o motorista do caminhão faz aos outros motoristas?
- Em que línguas a mensagem é escrita?
- Logo, deduza: Quem são os interlocutores que o motorista do caminhão tem em vista?
- Onde reside o humor do cartum?

○ que é cartum?

Cartum é uma espécie de desenho humorístico ou anedota gráfica cujo objetivo é divertir o leitor e quase sempre fazer uma crítica a um tema da realidade.

r essa
ias de
es, de

A língua

A língua portuguesa é o código mais utilizado por nós, brasileiros, nas situações de comunicação e interação social. Por isso, quanto maior o domínio que temos da língua, maiores são as possibilidades de nos comunicarmos com eficiência.

Dominar bem uma língua não significa apenas conhecer seu vocabulário; é preciso também ter domínio de suas leis combinatórias. Nós podemos, por exemplo, conhecer o sentido de cada uma das palavras deste enunciado:

Aumento segunda-feira na tem novo proxima gasolina.

Porém ele nada significa para nós, porque não foram respeitadas as leis de combinação das palavras. Observe como o enunciado ganha sentido, se combinarmos as palavras desta forma:

Gasolina tem novo aumento na próxima segunda-feira.

Assim:

Língua é um código formado por signos (palavras) e leis combinatórias por meio do qual as pessoas se comunicam e interagem entre si.

A língua pertence a todos os membros de uma comunidade; por isso faz parte do patrimônio social e cultural de cada coletividade. Como ela é um código aceito por convenção, um único indivíduo, isoladamente, não é capaz de criá-la ou modificá-la. A fala e a escrita, entretanto, são usos individuais da língua. Ainda assim, não deixam de ser sociais, pois, sempre que falamos e escrevemos, levamos em conta quem é o interlocutor e qual é a situação em que estamos nos comunicando.

Nem a língua nem a fala são imutáveis. A língua evolui, transformando-se historicamente. Por exemplo, algumas palavras perdem ou ganham fonemas (sons); outras deixam de ser utilizadas; novas palavras surgem, de acordo com as necessidades, entre elas os empréstimos de outras línguas com as quais a comunidade mantém contato. A fala também se modifica, conforme a história pessoal de cada indivíduo, com sua formação escolar e cultural, com as influências que recebe do grupo social a que pertence, com suas intenções, etc.

A língua portuguesa, como as demais línguas neolatinas, originou-se do latim vulgar e surgiu em meados do século XII, ainda como galego-português. Durante a expansão marítima, no século XV, foi levada pelos portugueses a outros continentes. Hoje é falada por cerca de 200 milhões de habitantes em Portugal, Brasil, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Macau, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Timor Leste.

As variedades lingüísticas

Cada um de nós começa a aprender a língua em casa, em contato com a família e com as pessoas que nos cercam. Aos poucos vamos treinando nosso aparelho fonador (os lábios, a língua, os dentes, os maxilares, as cordas vocais) para produzir sons, que se transformam em palavras, em frases e em textos inteiros. E vamos nos apropriando do vocabulário e das leis combinatórias da língua, até nos tornarmos bons usuários dela, seja para falar ou ouvir, seja para escrever ou ler.

Em contato com outras pessoas, na rua, na escola, no trabalho, observamos que nem todos falam

O que é signo lingüístico?

Talvez você já tenha ouvido a expressão signo lingüístico, criada pelo lingüista francês Ferdinand Saussure. *Signo* é um sinal convencional, é uma unidade de um tipo de linguagem ou sistema de comunicação. Assim, o signo lingüístico nada mais é do que a palavra, unidade básica da linguagem verbal. No código de trânsito, o sinal vermelho é um signo.

Onde se fala melhor o português no Brasil?

Você já deve ter ouvido esse tipo de pergunta. E também respostas como "no Maranhão", "no Rio de Janeiro", "no Rio Grande do Sul", justificadas por motivos históricos, sociais, culturais. Porém, de acordo com a *visão moderna* de língua, não existe um modelo lingüístico que deva ser seguido, nem mesmo o português lusitano.

Todas as variedades lingüísticas regionais são perfeitamente adequadas à realidade onde surgiram. Em certos contextos, aliás, o uso de outra variedade, mesmo que seja a língua padrão, é que pode soar estranho e até não cumprir sua função essencial de comunicar.

como nós. Isso ocorre por diferentes razões: porque a pessoa vem de outra região; por ser mais velha ou mais jovem; por possuir menor ou maior grau de escolaridade; por pertencer a grupo ou classe social diferente. Essas diferenças no uso da língua constituem as variedades lingüísticas.

Variedades lingüísticas são as variações que uma língua apresenta, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada.

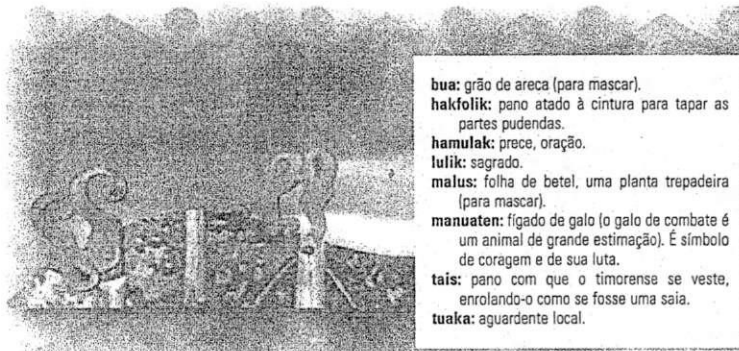
Entre as variedades da língua, existe uma que tem maior prestígio: a variedade padrão. Também conhecida como língua padrão e norma culta, essa variedade é utilizada na maior parte dos livros, jornais e revistas, em alguns programas de televisão, nos livros científicos e didáticos, e é ensinada na escola. As demais variedades lingüísticas — como a regional, a gíria, o jargão de grupos ou profissões (a linguagem dos policiais, dos jogadores de futebol, dos meta-leiros, dos surfistas, etc.) — são chamadas genericamente de variedades não padrão.

Variedade padrão, língua padrão ou norma culta é a variedade lingüística de maior prestígio social. **Variedades não padrão ou língua não padrão** são todas as variedades lingüísticas diferentes da padrão.

Apesar de haver muitos preconceitos sociais em relação a variedades não padrão, todas elas são válidas e têm valor nos grupos ou nas comunidades em que são usadas. Contudo, em situações sociais que exigem maior formalidade — por exemplo, uma entrevista para obter emprego, um requerimento, uma carta dirigida a um jornal ou uma revista, uma exposição pública, uma redação num concurso público —, a variedade lingüística exigida quase sempre é a padrão. Por isso é importante dominá-la bem.

Dialetos e registros

Há dois tipos básicos de variação lingüística: os dialetos e os registros. Os *dialetos* são variedades originadas das diferenças de região ou território, de idade, de sexo, de classes ou grupos sociais e da própria evolução histórica da língua. Nos poemas medievais, que você irá estudar a partir da página 86, temos exemplos de variação histórica. Já no texto ao lado, escrito pelo poeta Xanana Gusmão, do Timor Leste (Oceania), temos um exemplo de variação territorial, já que o poema, apesar de escrito em língua portuguesa, apresenta também vocábulos do tétum, língua nativa.



buá: grão de areca (para mascar).
hakfolik: pano atado à cintura para tapar as partes pudendas.
hamulak: prece, oração.
lulik: sagrado.
malus: folha de betel, uma planta trepadeira (para mascar).
manuaten: fígado de galo (o galo de combate é um animal de grande estimação). É símbolo de coragem e de sua luta.
tais: pano com que o timorense se veste, enrolando-o como se fosse uma saia.
tuaka: aguardente local.

Poema

Pisaste um dia a terra descalça
do "buá" e do "malus",
paraste um dia à sombra da casa alta
estranhando o "tuaka"
e reparaste no seu dono
cobrindo com a nudez do seu "hakfolik"
a campa dos antepassados.

Miraste o seu suor tórrido
lavando as faces do seu rosto sujo;
ouviste ainda o seu "hamulak"
entoando em "tais" do seu "lulik"
e respeitassem o "manuaten"
[...]

(Revista do Centro de Estudos Portugueses,
São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 1,
p. 43-4, 1998. Glossário de Nery Nice
Biancalana Reiner.)

ou mais
e. Essas

es

modo
il. Isso
pessoa
nio da

varie-
aluno
segu-
rigem

s meta-

ial.
idrão.

s e têm
ormali-
ou uma
sempre

ta

folik"

igueses,
lo, n. 1,
y Nice

Tratando da chegada do colonizador ao Timor Leste e do choque de culturas advindo da colonização, o autor cria o poema com uma variação de língua portuguesa que só é possível e só faz sentido em seu país.

As *variações de registro* ocorrem de acordo com o *grau de formalismo* existente na situação; com o *modo de expressão*, isto é, se se trata de um registro oral ou escrito; com a *sintonia entre os interlocutores*, que envolve aspectos como graus de cortesia, deferência, tecnicidade (domínio de um vocabulário específico de algum setor científico, por exemplo), etc.

Observe as diferenças que geralmente existem entre as modalidades falada e escrita da língua:

| Fala | Escrita * |
|---|--|
| 1. não planejada | 1. planejada |
| 2. fragmentária | 2. não fragmentária |
| 3. incompleta | 3. completa |
| 4. pouco elaborada | 4. elaborada |
| 5. predominância de frases curtas, simples ou coordenadas | 5. predominância de frases complexas, com subordinação abundante |
| 6. pouco uso de passivas | 6. emprego freqüente de passivas |

(Ingedore G. Villaça Koch. *A interação pela linguagem*.
3. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 68.)

Gíria

A *gíria* é uma das variedades que uma língua pode apresentar. Quase sempre é criada por um grupo social, como o dos fãs de *rap*, de *funk*, de *heavy metal*, o dos surfistas, dos skatistas, dos grafiteiros, dos *bikers*, etc. Quando restrita a uma profissão, a *gíria* é chamada de *jargão*. É o caso do jargão dos jornalistas, dos médicos, dos dentistas e outras profissões.

GÍRIAS CURIOSAS

- dos grafiteiros**
bomber: grafiteiro que ataca ilegalmente
king: bom grafiteiro, admirado por seu trabalho
old school: grafiteiros antigos
tag: assinatura de grafiteiro
top to bottom: um trem é pintado por inteiro de cima para baixo
- dos jornalistas**
cabeça: chamada para a matéria
cair: deixar de publicar uma matéria
enxugar: tornar o texto mais objetivo, mais curto
foca: jornalista recém-formado
limar: tirar do texto as informações menos importantes
- dos funkeiros**
alemão: turma rival, que está do lado oposto
bonde: grupo de funkeiros
cão: mentira, calote
filezinho, mel, uva: menina bonita
MC: mestre-de-cerimônias dos bailes *funk*
- dos surfistas**
aê: forma de saudação
back side: manobra em que o surfista fica de costas para a onda
beate: meninas de praia que estão sempre com surfistas por interesse
casca grossa: surfista experiente, que não teme ondas grandes
flat: mar sem ondas; prancha-lisa

(Fonte: Kárin Fusaro. *Gíria de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001.)

7. Leia o trecho de uma carta de amor escrita pelo poeta Olavo Bilac:


Excelentíssima Senhora. Creio que esta carta não poderá absolutamente surpreendê-la. Deve ser esperada porque V. Excia. compreendeu com certeza que, depois de tanta súplica desprezada sem piedade, eu não podia continuar a sofrer o seu desprezo. Dizem que V. Excia. me ama. Dizem, porque da boca de V. Excia. nunca me foi dado ouvir essa declaração. Como, porém, se compreende que, amando-me V. Excia., nunca tivesse para mim a menor palavra afetuosa, o mais insignificante carinho, o mais simples olhar comovido? Inúmeras vezes lhe pedi humildemente uma palavra de consolo. Nunca a obtive, porque V. Excia. ou ficava calada ou me respondia com uma ironia cruel. Não posso compreendê-la: perdi toda a esperança de ser amado. Separemo-nos [...]

- a) Caracterize a variedade lingüística e o grau de formalismo empregados pelo autor do texto.
- b) Olavo Bilac viveu no final do século XIX e início do século XX. O texto é um bom exemplo de como as declarações amorosas eram feitas na época, nesse tipo de variedade lingüística. Colocando-se no lugar do poeta, reescreva o texto, mantendo o conteúdo mas empregando uma variedade lingüística que seria comum entre dois jovens nos dias de hoje. Ao concluir o texto, leia-o para a classe.

2. O texto que segue registra algumas gírias utilizadas por grupos ligados ao rap ou ao movimento hip hop em geral. Leia-o:

Dicionário dos mano

Mano não vai embora, vaza
 Mano não briga, arranja treta
 Mano não bebe, chapa o coco
 Mano não cai, toma um capote
 Mano não entende, se liga
 Mano não passeia, dá um role
 Mano não come, ranga
 Mano não entra, cai pra dentro
 Mano não fala, troca ideia
 Mano não dorme, apaga
 Mano nunca tá apaixonado, tá a fim
 Mano não namora, dá uns cato
 Mano não mente, dá um miguê
 Mano não ouve musica, curte um som
 Mano não se dá mal, a casa cai
 Mano não acha interessante, acha bem loco
 Mano não tem amigos, tem uns trufa/uns camarada
 Mano não mora em bairro, se esconde nas quebrada
 Mano não vai para o Guarujá, cai pro litoral
 Mano não tem namorada, tem mina
 Mano não faz algo legal, faz umas parada firmeza
 E para finalizar: "Sangue na veia de mano não corre... tira racha"
 CERTO, MANO!!



Apresentação da banda Os Racionais.

(Texto extraído da Internet em 2003.)

ada
con-
lado
enor-
ilde-
onia

rações
reva o
as nos

geral.

Leia o boxe lateral e, a seguir, junte-se a um ou mais colegas e desenvolvam uma destas propostas:

- a) Se vocês conhecem a linguagem “dos mano”, dêem continuidade ao dicionário ou atualizem algumas das gírias apontadas.
- b) Se conhecem a linguagem usada por outros grupos ligados a um tipo de música — metaleiros, pagodeiros, funkeiros, etc. —, criem um “dicionário” com as gírias usadas por esse grupo.

Depois de concluído o “dicionário”, leiam-no para a classe.

Dialeto social e identidade grupal

Você já deve ter notado que certos grupos sociais fazem questão de utilizar uma linguagem própria. O lingüista Luiz Carlos Travaglia explica por quê:

Os dialetos sociais exercem na sociedade um papel de identificação grupal, isto é, o grupo ganha identidade pela linguagem. Isso com frequência tem implicações políticas, quando os grupos querem se opor e marcar a participação e integração das pessoas nas lutas, ideais, reivindicações, etc. do grupo. Quando a diferença de uma variedade social é muito grande em relação às demais, o dialeto social pode servir como meio de ocultamento, que permite aos membros do grupo se comunicarem livremente sem sofrer com qualquer tipo de atitude ou ação de outros segmentos sociais.

(Gramática e interação — Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e no 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996, p. 45.)

As variedades lingüísticas na construção do texto

Leia este anúncio:

Neogama/BBH

Olá, Papai Noel :)
Em primeiro lugar já está mais do que na hora de vo ter um e-mail. Não existe nada mais antigo que mandar uma carta. Mas, vamos lá: estou precisando de um upgrade no meu home-office. Por isso, neste Natal eu quero um OZ Gradiente. Talvez uma pessoa que nem website tem não saiba o que é isso. OZ é DVD, TV, CD, MP3, FM, internet e computador ao mesmo tempo. Na verdade o senhor devia me agradecer. Imagine se eu tivesse pedido tudo isso separado, o peso que seria no seu saco. Tks, _____
oz - credit

(Veja, 18/12/2002.)

7. O anúncio tem por finalidade, evidentemente, vender um determinado tipo de produto e, para isso, lança mão de um conjunto de estratégias. Responda:

- a) O anúncio apresenta uma estrutura semelhante à de um tipo de texto muito usado em correspondências. Qual é esse tipo de texto?
- b) Quem, supostamente, é o autor desse texto: criança, adolescente ou adulto? Por quê?
- c) Sabendo-se que o anúncio foi publicado no mês de dezembro e levando-se em conta o destinatário da carta, quem supostamente são os interlocutores do anúncio?
- d) Na sua opinião, as estratégias utilizadas pelo anunciante são eficientes para que o anúncio atinja seu objetivo? Por quê?

2. A sintonia da linguagem do texto revela algumas informações sobre as características do autor.

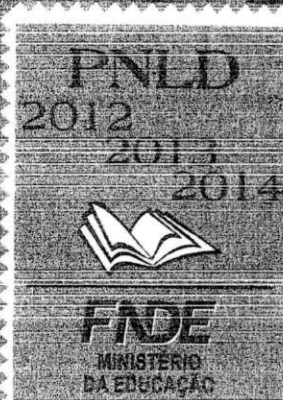
a) Qual o significado dos seguintes sinais, palavras e expressões?

) e-mail upgrade home-office website MP3 tks

b) O que o domínio dessas palavras e expressões revela sobre o autor do texto?

3. Conclua: Qual a importância da variedade lingüística escolhida na construção do anúncio, tendo em vista a finalidade deste?

Maria Luiza M. Abaurre
Maria Bernadete M. Abaurre
Marcela Pontara



CÓDIGO DO LIVRO 25142C0101 TIPO M

**MANUAL DO
PROFESSOR**

PORTUGUÊS

CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

VOLUME
1

Componente curricular: LÍNGUA PORTUGUESA

Moderna

Título original: *Português: contexto, interlocução e sentido*
© Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre,
Marcela Pontara 2008

Coordenação editorial: Aurea Regina Kanashiro

Revisão de texto: Rogério de Araújo Ramos, Mônica Franco Jacintho,
Liane de Cássia Thahira

Assessoria didático-pedagógica: Cláudia Baccin, Elaine de Fátima de Fátima,
Liane de Cássia Thahira, Klara Schenkel

Assistência editorial: Anabel Ly Maduar, Aúrea Faria, José Henrique Pilão Félix,
Liane Camargo, Moira Versolato, Solange Scattolini

Diagramação de texto: Anabel Ly Maduar, Claudemir Andrade, Solange Scattolini

Diagramação de imagens e artes visuais: Sandra Rosalba de Cássia Mendes

Diagramação gráfica: Everson de Paula, Marta Cerqueira Leite

Diagramação de arte: Everson de Paula, Marta Cerqueira Leite

Arte: Nelson Provazi

Coordenação de produção gráfica: André Monteiro, Maria de Lourdes Rodrigues

Coordenação de arte: Maria Lucia F. Couto

Diagramação de arte: Mônica de Souza

Diagramação eletrônica: Apis Design Integrado

Coordenação de revisão: Elaine Cristina del Nero

Revisão: Afonso N. Lopes, Ana Maria C. Tavares, Nancy H. Dias, Renato Tresolavy,
Liane T. Mendes

Diagramação iconográfica: Luciano Baneza Gabarron, Angelica Nakamura,

Cláudia Fernandes, Leonardo de Souza Klein, Érika Cássia de Freitas

Diagramação de bureau: Americo Jesus

Diagramação de imagens: Evaldo de Almeida, Fábio N. Precendo, Luiz C. Costa

Diagramação de arte: Helio P. de Souza Filho, Marcio Hideyuki Kamoto

Diagramação de produção industrial: Wilson Aparecido Troque

Diagramação e acabamento: World Color Chile S.A.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abaurre, Maria Luiza M.
Português: contexto, interlocução e sentido
Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre,
Marcela Pontara. -- São Paulo : Moderna, 2008

Obra em 3 v.

I. Linguagem e línguas (Ensino médio).
2. Literatura (Ensino médio). 3. Português (Ensino médio).
4. Textos (Ensino médio) I. Abaurre, Maria Bernadete M.,
II. Pontara, Marcela. III. Título

CDU-469.07
-807

08-07110

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem : Ensino médio 469.07
2. Português : Ensino médio 807
3. Português : Ensino médio 469.07

Reprodução proibida. Art. 170 do Código Penal e Art. 181 da Lei nº 12.512 de 2009.

Todos os direitos reservados.

EDITORA MODERNA LTDA.
Rua Padre Adelino, 758 - Betim/Minas
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03300-904
vendas e atendimento: Tel. (011) 2602-6510
www.moderna.com.br

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL

OBJETIVOS

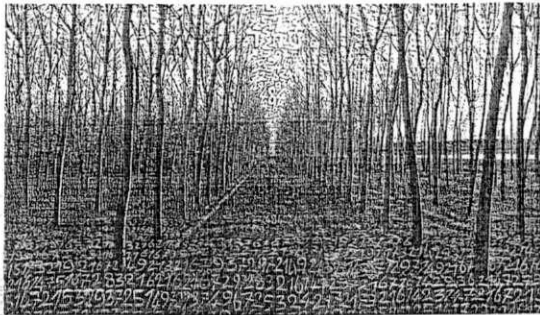
O que você deverá saber ao final deste estudo.

1. O que são linguagem e língua.
 - Qual é a diferença entre linguagem e língua.
 - O que é signo linguístico.
2. O que são variação linguística e norma.
 - O que é preconceito linguístico.
 - Que fatores determinam a variação linguística.

O trabalho realizado ao longo deste capítulo favorece o desenvolvimento das competências de área 1 e 8 e das habilidades H1, H3, H4, H25, H26 e H27. Para identificá-las, consultar, no Guia de recursos, a matriz do Enem 2009.

Linguagem e língua

» Observe a propaganda para responder às questões de 1 a 3.



Valor

Não fique perdido no mundo dos números. Assine o Valor: 0800 701 8888 e ganhe o conteúdo do Valor Online.

▲ Época. São Paulo: Globo, n. 246, 3 fev. 2003.

1. A imagem acima combina dois elementos aparentemente incompatíveis. Quais são esses elementos? Por que são incompatíveis?
2. O texto apresentado sob a imagem sugere uma explicação possível para a estranha combinação de elementos. Qual é ela?
3. A peça publicitária dialoga com um interlocutor específico. Quem é ele?

Tome nota

O termo **interlocutor** designa cada um dos participantes de um diálogo.

Como todo texto se dirige a um leitor em quem o autor pensa no momento de escrever, dizemos que os leitores a quem um texto se dirige são os **interlocutores** desse texto.

- a) Que elementos do texto marcam o diálogo com esse leitor?
- b) De que informações o leitor deveria dispor para ser capaz de ler essa propaganda e chegar à conclusão de que a assinatura do jornal lhe poderia ser útil?

O anúncio reproduzido aqui apresenta, pressupõe, um leitor específico, interessado em acompanhar o dia a dia da economia e das movimentações do mercado financeiro. Esse leitor sabe como é difícil aprender o nono texto econômico e pode conhecer a importância de assinar um jornal que apresente informações sobre economia de modo esclarecedor.

Essas informações estão representadas nos elementos que constroem o anúncio, constituindo sua linguagem.

Observe também que o anúncio, além de usar a linguagem verbal e a não verbal (a imagem da floresta, neste caso), faz menção à linguagem matemática representada pelos números, tornando-a elemento importante na construção do sentido do texto.

Tome nota

A **linguagem** é uma atividade humana e é sempre utilizada em situações de interlocução. Pressupõe, portanto, a existência de interlocutores. Por meio da linguagem elaboramos representações acerca do mundo em que vivemos, organizamos e damos forma às nossas experiências. Nas representações que constrói, a linguagem traz marcas de aspectos históricos, sociais e ideológicos de uma determinada cultura.

São exemplos de diferentes linguagens utilizadas pelo ser humano as línguas (português, alemão, italiano, holandês, guarani, etc.), a pintura, a música, a dança, os logotipos, os quadrinhos, os sistemas gestuais, entre outros exemplos.

Tome nota

Língua é um sistema de representação socialmente construído, constituído por signos linguísticos.

Signo linguístico

As linguagens utilizadas pelos seres humanos pressupõem conhecimento, por parte de seus usuários, do valor simbólico dos seus signos. A cor verde nos sinais de trânsito, por exemplo, tem um valor simbólico que os habitantes das cidades devem conhecer: significa autorização para prosseguir. Se não houvesse acordo com relação a esse valor, ou seja, se não fosse possível aos usuários de uma mesma linguagem identificar aquilo a que determinado signo faz referência, qualquer interação por meio da atividade da linguagem ficaria prejudicada, pois não haveria comunicação possível.

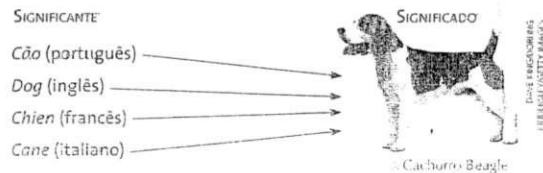
Tome nota

O signo linguístico é uma unidade de significação que possui dupla face:

- 1) o **significante** (o suporte para uma ideia, isto é, a sequência de sons que se combinam para formar palavras);
- 2) o **significado** (a própria ideia ou conteúdo intelectual).

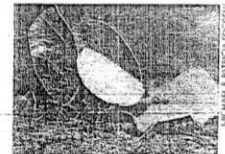
Observe:

A dupla face do signo linguístico



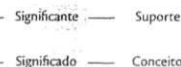
A "linguagem" dos animais

O que se costuma designar como "linguagem" animal não passa de um sistema de comunicação entre os membros de uma espécie. Embora sofisticado, tal sistema não chega a constituir linguagem no sentido aqui definido.

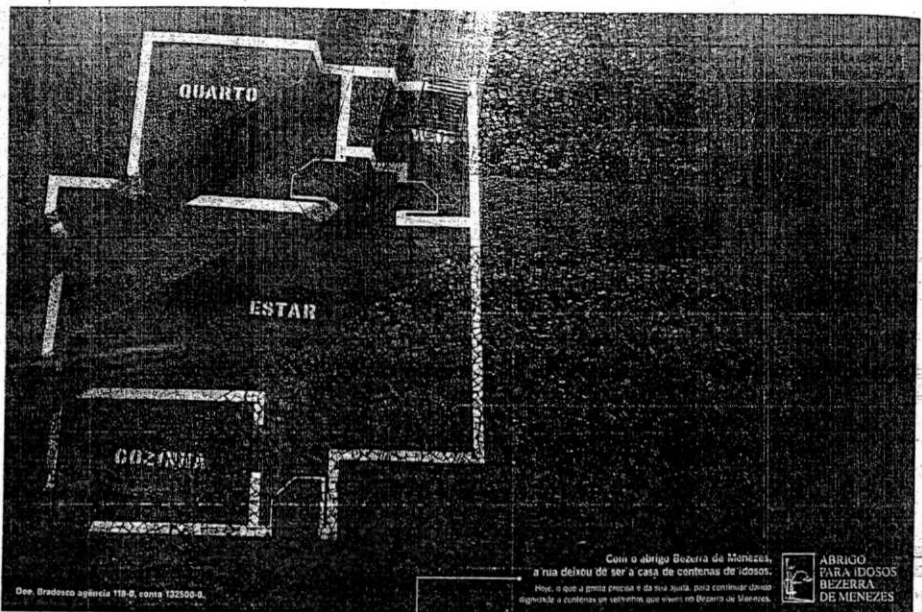


▲ A comunicação entre as farnigas ocorre frequentemente para direcionar os membros de uma mesma comunidade a uma fonte de alimento.

Signo linguístico



» As questões de 1 a 4 referem-se à propaganda abaixo.



▲ Época. São Paulo: Globo, n. 254, 31 mar. 2003.

Com o abrigo Bezerra de Menezes, a rua deixou de ser a casa de centenas de idosos. Hoje, o que a gente precisa é da sua ajuda para continuar dando dignidade a centenas de velhinhos que vivem no Bezerra de Menezes.

1. O que está representado no lado esquerdo da imagem?
2. Esse anúncio procura produzir um efeito de estranhamento no leitor. Explique como se dá esse efeito.
► Com que objetivo se procura produzir esse efeito?
3. O texto verbal apresentado abaixo da imagem é fundamental para fazer o leitor relacionar a imagem com o objetivo da peça publicitária. De que modo se estabelece a relação entre o texto verbal, a imagem e o objetivo do anúncio?
4. O anúncio constrói um diálogo com um certo interlocutor. Que elementos do texto marcam o diálogo?
 - a) Qual é o objetivo desse diálogo?
 - b) Que pressuposições o anúncio faz sobre o interlocutor?

Lembre-se

Pressuposto é algo que se supõe antecipadamente. No caso, a imagem de leitor com que os redatores do texto publicitário trabalharam.

Variação e norma

» Leia atentamente a tira abaixo.



▲ GONSALES, Fernando. Niquel Náusea: com mil demônios!! São Paulo: Devir, 2002. p. 32.

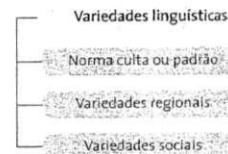
1. O que leva a mulher a observar que o papagaio "fala tudo errado"?
2. A que conclusão se espera que o leitor chegue, ao ler o segundo quadrinho, sobre o motivo que leva o papagaio a falar como fala?
3. O que a observação da mulher sugere a respeito da maneira como as pessoas costumam avaliar diferentes maneiras de falar?

Como falante do português, você já deve ter percebido situações em que a língua é usada de forma bastante diferente daquela que você se habituou a ouvir nos meios de comunicação ou em outros espaços de convivência. Essa diferença pode manifestar-se no vocabulário utilizado, na pronúncia, na estrutura de palavras e de frases.

A variação linguística é natural e decorre do fato de que as línguas são sistemas dinâmicos e extremamente sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social dos falantes e o grau de formalidade do contexto.

Tome nota

Variedade linguística é cada um dos sistemas em que uma língua se diversifica, em função das possibilidades de variação de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe).
Norma culta ou padrão é a denominação dada à variedade linguística dos membros da classe social de maior prestígio dentro de uma comunidade.



Embora essa variação seja natural, os falantes de uma comunidade linguística têm, em geral, a expectativa de que todas as pessoas falem de uma mesma maneira. Essa expectativa, socialmente definida e difundida, pressupõe uma forma "correta" de uso da língua, o que implica a existência de formas "erradas". Esta é a base do preconceito linguístico.

Tome nota

Preconceito linguístico é o julgamento negativo que é feito dos falantes em função da variedade linguística que utilizam.